

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
 Rua de S. Paulo, 216

Domingo 15 de janeiro de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 »
 Numero avulso 60 »
 Anuncios preço convencional

SUMMARIO

JOAQUIM PEDRO RODRIGUES DE FARIA — União dos Atiradores Civis Portuguezes.— Suissa, tiro federal de 1898.— Memorias do major . . ., por ZACHARIAS d'ÁÇA.— O ultimo veado do Fartobo, por . . .—Luiz Waza Cezar de Andrade—Associação dos Caçadores Portuguezes. apprehensões de caça, socios admitidos, avisos—Caçadas Portuguezas—Caçada de javardos à lança—Sociedade de tiro aos pombos.—Caçada ás lebres—Caçada—Desastres—Velocipedica, Corridas em New York, por MAGALHÃES FONSECA; Corridas no Pará por CYCLAMOUR—Serra da Estrella, por L. F. MARREAS FERREIRA.—Real Club Naval de Lisboa, por Bow—O Alcoolismo, por J. MELLO VIANNA—Praça do Campo de Sant'Anna, por E. d'A.—Tauromachia Açoriana.—Egri-ma—Philatelia, falsificações, por J. FRAGA PERY DE LINDE—EDUARDO ANTONIO DA COSTA.—SOUZA MARTINS e a Serra da Estrella Almanach Illustrado—Club Sport Michaelense—Exposição photographica—Anuncios

GRAVURAS

Joaquim Pedro Rodrigues de Faria — Luiz Waza Cezar de Andrade — Séde do Real Club Naval de Lisboa — Serra da Estrella, vista da lagôa comprida tirada de um barco.

TIRO

Joaquim Pedro Rodrigues de Faria

ERA tempo de prestarmos homenagem a um dos mais entusiastas fundadores da extincta Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, hoje União dos Atiradores Civis Portuguezes.

Infelizmente, Rodrigues de Faria, falleceu. Foi no dia 19 de janeiro de 1896. Homem obscuro, mas dotado de um grande coração e de um excellente character, na verdadeira acceção da palavra; que o digam todos os que o conheceram, que o diga a população de Alcantara onde ainda hoje se vertem saudosas lagrimas, pela sua memoria; que o digam os operarios d'ali, que, conservam por elle, recordações de profundo respeito.

Faria, falleceu, no momento em que a patria exultava, com a chegada da expedição de Africa, em que vinha o bravo coronel Galhardo e as suas tropas, fallecia ouvindo as salvas da artilheria, o estalar dos foguetes e os calorosos vivas ao exercito e á patria.

Como dissemos Rodrigues de Faria foi fundador da associação de tiro, e foi elle que, diligenciou e conseguiu que em Alcantara se dessem algumas lições de manejo d'armas, e d'alli concorressem bastantes individuos á carreira do tiro; não podiam esquecer estes serviços a *O Tiro Civil*, cuja missão é consignar nas suas paginas todos os serviços prestados á educação do tiro nacional, e Rodrigues de Faria, não podia deixar de aqui figurar.

Filho de Lisboa, nasceu aos 23 de fevereiro de 1829, fallecendo com 67 annos incompletos. Nunca tirou o retrato senão uma vez, em um numeroo grupo na carreira do tiro, por occasião d'um concurso da associação, essa photographia está quasi por completo apagada, mas os esforços do nosso bom amigo e distincto desenhador retratista, o sr. José Ayres, quasi fizeram

um milagre, reconstituindo os traços apagados d'aquella phisionomia, n'um magnifico retrato a crayon; é d'esse retrato que tirámos a nossa photogravura; consignamos aqui os nossos mais cordiaes agradecimentos ao eximio artista.

A' sua familia e em especial a seus filhos, dois habeis operarios, dignos do bom nome de seu pae, enviamos as nossas condolencias pelo terceiro anniversario do fallecimento do que foi seu pae e nosso amigo.



Joaquim Pedro Rodrigues de Faria

Socio fundador da extincta associação dos Atiradores Civis Portuguezes
 Fallecido em 19 de janeiro de 1896

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Reconhecida como associação patriótica por decreto do ministerio da guerra de 13 de outubro de 1898

Séde official, carreira de tiro em Pedrouços
 (Esta revista é órgão official da União)

Parte official

Commissão Executiva

ACTA n.º 6

Sessão em 8 de janeiro de 1899

Aberta a sessão á 1 hora da tarde, na Carreira de Tiro; estavam presentes os srs. Anselmo de Sousa, Vieira da Silva Junior, Ignacio Franco, Fraga e Noronha e assistindo os membros do conselho gerente, dr. Cunha Bellem, Chrysogono Pinto e Gustavo de Jesus.

Lido e approvada a acta da sessão anterior. Lido o offerecimento da nova séde do *Velo Club*.

Lido o balancete da caixa referente ao mez findo o qual se resolveu affixar.

Antes da ordem, os srs. Fraga e Anselmo de Sousa ponderaram a conveniencia de se começar desde já a amortisar os debitos das extinctas associações, e visto o ignorar-se ainda qual o passivo da extincta Associação *Estrella*, pelo facto do seu liquidatario o sr. Gandara, não ter ainda apresentado a lista de crédores, eram de opinião que sobre tal assumpto se lhe officias-

se pedindo-lhe que até ao fim do presente mez apresentasse a referida lista e caso terminado esse praso a não podesse entregar, que isso não obstasse a que se começasse a liquidar com os crédores conhecidos. Reduzida a proposta a essencia de sua ponderações, foi approvada.

Propoz o sr. Anselmo de Sousa, e foi approvado que se, enviasse memoranduns ás Escolas *Academica*, *Collegio Arriaga* e *Lyceu Polytechnico*, lembrando-lhes que o proximo domingo 15 era o primeiro d'instrucção aos alumnos das suas escolas.

Foi tambem a mesa encarregada de concordar com a Sociedade *Empesariu do Theatro de D. Maria II*, na realização do espectáculo que esta Sociedade offereceu realizar em beneficio do cofre da *União*.

Na ordem do dia, foi lido e discutido o programma e regulamento do proximo certamen de campionato, trabalho elaborado pelo sr. Fraga, orientado pela opinião da maioria da Commissão, orientação essa com que o mesmo senhor não concorda, desejando que esta sua opinião conste da acta. Foi approvado, reunindo os votos consultivos dos membros presentes do Conselho Gerente, ao qual será submettido na sua proxima sessão.

Resolveu-se que o 3.º torneio se realice no dia 22 do corrente, por o tempo não permittir que se effectuasse hoje, e que o 4.º torneio fosse em 5 de fevereiro proximo.

Não havendo mais assumptos a tratar encerrou-se a sessão ás 3 horas da tarde.

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha

Aviso

Em consequencia do tempo não permittir que se effectue hoje sessão de tiro, a Commissão Executiva, resolveu transferir para 22 do corrente o 3.º torneio e para 5 de fevereiro o 4.º torneio.

Carreira do tiro em Pedrouços, 8 de janeiro de 1899.

O SECRETARIO,

Eduardo de Noronha.

Chronica estrangeira

Suissa

Tiro federal em 1898

Extracto da sessão realisada em 19 de dezembro proximo passado sob a presidencia de Mr. Robert Comtesse

AO comitê foi apresentado o relatório do comitê das finanças acerca do estado financeiro da empreza de tiro. Por elle se verifica que em 15 de dezembro de 1898, as receitas apuradas se elevavam á importante somma de 1.349.656,93 francos, havendo ainda a receber 34.708,95 o que perfaz uma receita total de 1.384.365,88 francos.

Na mesma data as despezas feitas ascendiam a 1.278.560,65 francos, restando ainda satisfazer 64.871,60 o que dá uma despeza total de francos 1.343.432,25 francos, havendo portanto um saldo positivo de 40.933,63 francos.

O comitê das finanças propõe que com este saldo sejam immediatamente reembolsados os subscriptores de 2/5 do capital de garantia subscripto além do juro de 4 1/2% exarado nos estatutos. Este juro será paid de 2 francos para os 40 reembolsados em cada 100 subscriptos.— Esta proposta foi approvada.

O comitê das subsistencias ficou encarregado

de estudar a realisação de um banquete onde se reunirão todos os membros dos diversos comités, até á proxima sessão que deve ter logar no corrente janeiro.

Secção litteraria

MEMORIAS DO MAJOR ***

*Uma aventura de guerra
em 1808*

A noticia do desembarque dos inglezes alvorotara os animos em todo o paiz, e os francezes, em Lisboa, sentiam já o terreno tremor debaixo dos pés. Junot destacou o general Laborde, habil manobrador, a reconhecer-os, e este encontrou-os na Roliça, onde travou combate. Com forças muito inferiores ás dos seus adversarios não aspirava decerto a vencel-os, e retirou sobre o grosso do seu exercito.

Na Guarda Real da Policia, em cujo commando o general em chefe francez conservara o conde de Nouvion, lavrava já o espirito de rebellião, e os sargentos conspiravam. O fim da conspiração não é difficil de adivinhar; resolveram fugir com as companhias de cavallaria para o exercito de Arthur Wellesley, em que vinham tambem já incorporadas tropas portuguezas. E do proposito ao effeito não mediou muito tempo.

Desconfiando, ou informado, das nossas intenções, o coronel estava alerta, e vigiava-nos, mas apesar d'isso conseguimos illudil-o. O primeiro a fugir foi o Elysiario, que morreu coronel. Um rapaz decidido.

Não se imagina a colera do cõde de Nouvion, quando lh'o vieram participar. O raio caiu-me sobre a cabeça.

—Chamem o outro!— berrava elle, furioso, batendo com o pé no chão.

Foram-me chamar. Eu não ia muito contente, mas o que me contrariava principalmente não eram as iras do commandante, era o não ter podido acompanhar o Elysiario. O meu cavallo tinha um quarto aberto, manquejava, e não podia aguentar uma marcha forçada, como aquella devia ser. E eu não alcançara dinheiro para comprar outro, que bem me servisse na empreza. Por isso o Elysiario partira e eu ficara.

Apenas eu entrei na sala o coronel disparou-me, em voz alta e tom affirmativo, estas palavras:

— Você não sabia que Elysiario queria fugir?

Os olhos fuzilavam-lhe, e a mão direita apertava nervosamente o cabo do chicote.

— Não, meu coronel, não sabia.

— Oh, non. Non diz verdade. Sabia, sabia! *Vous étiez compères dans le jeu.*

Eu nunca tive genio soffredor, e de mais, naquelle momento, e por todos os motivos, estava já fóra dos eixos. Ao desmentido repliquei em termos taes, que elle perdeu completamente as estribeiras!

— Repito a V. Ex.^a que não sabia, e isto é tão verdade, que eu estou aqui. Se soubesse, tinha fugido com elle.

— Então confessa su rebellion. *Mis aux arrêts!* gritava elle, e, cruzando a sala em todas as direcções e vociferando, parou de repente deante de mim, e disse-me:

— *Vous êtes un traître! Vous serez fusillé!*

E saiu. Ouvi-lhe ainda a voz, mandando-me prender, com sentinella á vista.

O caso complicava-se, e eu via afastar-se de mim a perspectiva da almejada fuga. O que diriam os meus companheiros? Em que triste posição me ia eu achar perante elles, quando entrassem em Lisboa vencedores, como eu, como todos, com mais ou menos razão, esperavamos? A ameaça do fuzilamento não era provavel que se realisasse, mas, em todo o caso, não seria impossivel — estavamos em tempo de guerra. Longas, longuissimas horas, me pareceram aquellas... Finalmente ouvi rumor, relinchos e tropear de cavallos. Era elle que recolhia. Aonde fóra, não o soube então, nem depois, mas o que é certo é que me pareceu outro.

Apenas entrou na sala onde eu estava, fez um gesto á sentinella, que se retirou logo, e voltou ao ataque novamente, mas com um modo quasi benevolente; se é que não era astucia, plano, que imaginara durante o seu passeio. Eu mantive-me na posição em que me collocara, insistindo em que, se soubesse da evasão, não estaria ali.

Se elle representava comedia, eu fazia o mesmo, e creio que consegui convencel-o, porque me não mandou fuzilar, e soltou-me, dando-me varias ordens — que eu não cumpri.

As duas horas da noite d'esse mesmo dia toda a minha companhia, com os cavallos á mão, e estes com os cascos entrapados com as mantas que rasgaramos, para não se sentirem as ferraduras, saía do quartel do Carmo. Toda a companhia, porque não lhe deixei um unico soldado: estava jogada a cartada. E ainda hoje me admiro de que a podessemos tirar tanto a limpo!

O meu cavallo ainda não estava bom, mas andava; e depois eu era novo, a patria chamava por nós, e eu tinha o animo um pouco aventureiro. Estava a achar o quer que de poetico naquella expedição pela calada da noite, no tropear dos ginetes, no tilintar das espadas, no luzir dos capacetes, atravessando os campos solitarios *per amica silentia lux* . . .

Pelo caminho iam-se nos reunindo as patrulhas que andavam fóra, como fóra combinado.

O santo amor da patria approximara os inimigos: o nosso guia era um contrabandista! Com o nós — os da Guarda — os conheciamos muito bem, escolhemos um dos mais feaçanhudos. Ajustámo-l-o por dez moedas, e demos-lhe um cavallo e um fardamento da arrecadação; mas serviu-nos maravilhosamente, porque, sendo muito astuto e graças ao desfarce, explorou todo o terreno por onde deviamos passar, de fórma a não darmos de cara com a força dos francezes, que não nos deixariam ir por deante, sem conversarem um pouco connosco.

Proseguimos, pois, sem novidade, como por nossa casa, quando, ao chegarmos ao Cabeço de Montachique, o nosso guia, que caminhava a distancia, retrocedeu para me dizer que havia alli francezes de infantaria. Apeámo-nos os dois, e fomos reconhecer o terreno. Estavam deitados no chão — um bivaque *à la diable*. Não havia que hesitar: o caminho era para a frente. Montámos a cavallo e avançámos.

Ao primeiro *Qui vive?* respondi, na fórma do costume: *L'Empereur!* e, em seguida a um — *Rapazes, a galope!* — largámos os cavallos a toda a brida, e atravessámos, como um raio, o acampamento. O somno, e o inesperado e brusco da investida, impediram-nos de nos tomarem o caminho: ainda nos dispararam alguns tiros, mas na

escuridão da noite foram tiros ao acaso. Nenhum de nós recebeu alli o baptismo de sangue.

Quando entrámos no Vimeiro, onde estava o exercito inglez, fomos, depois dos reconhecimentos e formalidades militares, muito festejados e elogiados pela nossa dedicação. Todos se admiraram de termos conseguido chegar alli com tanta felicidade. Levaram-me á presença do general e os inglezes disseram coisas bonitas na sua lingua, que para mim então era grego, e deram-me um attestado muito honroso, em que se falava em feito d'armas. Nas muitas reviravoltas da minha vida, perdi-o.

— E a batalha — assistiu a ella? — perguntei eu ao major.

— Não, e foi essa a minha pena. Tinha-se dado naquelle dia, e o Elysiario foi, mais uma vez, mais feliz do que eu. Não correu o perigo de ser fuzilado, e assistiu á batalha, a segunda que os francezes perderam, e a ultima d'aquella curta campanha, que terminou com a convenção de Cintra e a retirada d'aquellas famosas legiões, sempre vencedoras, que o grande Imperador, muito nosso amigo, enviara a Portugal, *para nos protegerem* contra os inglezes!

ZACHARIAS D'ÁÇA.

O ultimo veado do Farrobo

(Continuado do n.º 153)

A SALLA de baile e do theatro, onde em festas de tanta riqueza e elegancia se recreara o melhor que em Lisboa havia, onde talentos de curiosos e artistas se exibiram com applauso no palco e em concertos, desguarnecida: poucos trastes desmantelados; a каза de jantar e os quartos, tudo consoante em espaço e numero a turnos de hospedes ás centenas, despovoados de moveis; tudo abandonado e sujo, aos montes terra, poeira e pó — imagem do pó em que se vão tornando os heroes das proesas em que ali, como sempre, e em toda a parte, á caça e a tudo mais se ligava o amor.

Consolara-me um pouco ver na derrocada, material, pelos vestigios, não perder n'ella muito a arte.

Das maguas veio ainda aliviar-nos o bom almoço.

Estava posta a meza a um lado, na sala de baile; mal coberta pela toalha, pratos desparelhados e rachados, talheres desencabados.

O Conde, *grand seigneur*, de alegre philosophia na derrota, a contar, com espirito, os apertos da existencia,

Não ouvindo dinheiro: cama! Estivera assim oito dias, e são, e com mais fome que nunca!

Os creados, era escolher: ou cama tambem — era-lhes permitido — ou rua! Deviam ser poucos já, servia-nos uma creada apenas e só essa vi. E lá ia a comparação ainda aos tempos dos numerosos creados de farda, apurados, estrangeirados, de cabeleira, de calção e meia — todos figuras na orchestra.

As tristezas, as minhas, com o calor do almoço e da conversa iam mingando e pensava e desejava já sem escrúpulos em matar, em destruir bastante! E então o veado, esse contava já com elle como os outros talvez tambem!

E nos seguidos parallelos dos tempos de outr'ora com os de então via com melhores olhos as batidas de exterminio que iam tentar a furto, que as apparatusas com registo, em cathologos, da vida das

CAÇA

Luiz Wasa Cezar de Andrade

TEMOS publicado os retratos de todos os membros da direcção da *Associação dos Caçadores Portuguezes*, faltam apenas dois, um é o sr. Luiz Andrade, que apresentamos hoje.

E' o segundo secretario; e, podemos dizer afoitamente, que depois do dr. Anachoreta, é com certeza quem mais tem trabalhado pelo desenvolvimento, boa ordem e frequencia da Associação.

Como caçador, é, incontestavelmente, uma espingarda de primeira ordem e um dos caçadores mais correctos da nova geração; não conhecemos quem o ultrapasse



Luiz Wasa Cezar de Andrade

Segundo secretario da associação dos Caçadores Portuguezes

em lealdade e sangue frio, ao lado dos seus companheiros, n'uma batida ás perdições ou em qualquer outra; é o companheiro mais seguro que se pôde ter, nunca ninguém lhe conheceu uma sofreguidão, nunca contestou a outrem uma peça de caça; a sua fidalga delicadeza e o seu caracter de elite não admittem estes defeitos.

Avaliando-o como companheiro julguesse como amigo; é d'estas amizades que prendem e que subjagam.

Desculpe-nos o sr. Luiz Wasa, estas phrases, que, decerto não são de molde a harmonisarem-se com a sua muita modestia, mas, a amizade, tem d'estes defeitos, dalhe muitas vezes para dizer verdades, assim, sem rodeios, foi o que aconteceu agora.

Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é órgão official da associação)

Parte official

Apprehensões de caça

POR indicação da commissão de vigilancia nomeada pela Associação dos Caçadores Portuguezes, foram apprehendidos no dia 21 de dezembro 27 coelhos e 1 lebre que desembarcaram do sul e no dia 24: 2 coelhos no logar n.º 66 da Praça da Figueira, 1 lebre no logar n.º 71 e 2 coelhos no logar n.º 72; a caça apprehendida era procedente do Crato e outras localidades, sendo toda morta em rateiras.

E' para lamentar que a guarda fiscal de serviço nas estações de caminho de ferro não preste o auxilio devido, aos esforços da associação.

Socios admitidos

Joaquim Carlos Felix, Ayres Mascarenhas Valdez de Faria, João Cupertino dos Santos, José da Motta Portugal, dr. José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso, dr. José Maria Corrêa Gonçalves, dr. José Felix Pereira, dr. Benjamin Pereira do Amaral Netto, Cypriano José de Seixas, Manoel Vaz Monteiro, Joaquim Vaz Monteiro, Antonio Duarte e Silva, José Salter de Sousa Cid, Adolpho Guimarães Carvão, Luiz Netto Ferreira Senior, José Joaquim Duarte Imaginario, José Joaquim Pedroso Senior, José Joaquim Pedroso Junior, Arthur Coelho da Silva Gameiro, Joaquim Netto Pratas, Eugenio Jorge d'Almeida, Carlos Augusto Pedroso, Julio Pereira d'Amaral Netto, dr. Vicente Gomes, Elyseu José Fragosos, rev. José da Costa Passos, Raymundo Ernesto Pereira Chaves, José da Silva Leitão, João Rebello Godinho, Bernardino Vaz Monteiro, José Baptista Junior, Florencio Delphim de Castro Castanheira, Ernesto Severo dos Anjos, Guilherme da Costa Passos.

AVISOS

E' por este meio convocada a assembléa geral ordinaria, para os effectos do artigo II.º dos estatutos da Associação dos Caçadores Portuguezes, para o dia 19 do corrente e caso não esteja presente numero legal de socios deliberará, a assembléa no dia 26 com qualquer numero. A's 8 horas da noite.

O SECRETARIO

DA MESA DA ASSEMBLEA GERAL

D. José Tiburcio de Noronha.

*
Todos os socios teem direito ao bonus da 5^o/₁₀ no estabelecimento de espingardeiro, travessa de S. Domingos n.º 48 a 56 para o que, basta munir-se de bilhete de identidade, que deve ser requisitado na séde da Associação, Praça Luiz de Camões, 46, 2.º

*
Os signaes da Associação, uma bandeira em bico, encarnada, com as iniciaes A. C. P., em branco, custam 700 réis e devem ser pedidas para a séde da Associação.

*
Em cumprimento do programma que presidio á fundação da *Associação dos Caçadores Portuguezes*, deseja a direcção organizar o canil, onde os socios possam recolher os seus cães nas melhores condições de economia, salubridade e hygiene, e, para avaliar do espaço e installações a que tem de proceder em breve, pede aos socios que desejem utilizar-se d'esse melhoramento, a fineza de prevenir a direcção, dizendo o numero e raça dos animaes que desejem depositar.

*
São por este meio prevenidos os socios, que todas as communicações, avisos ou lembranças de qualquer ordem, lhes serão feitas, n'este local de *O Tiro Civil*, por isso que é o órgão official da Associação, afim de evitar as despesas de impressos, sellos, expediente, etc.

O SECRETARIO

Henrique Anachoreta.

Caçadas Portuguezas

Do nosso bom amigo e querido companheiro nas lides d'esta redacção, Zacharias d'Aça, recebemos um exemplar do seu bello livro *Caçadas Portuguezas*; o nosso agradecimento vae n'um apertado abraço ao distincto escriptor.

No proximo numero contámos publicar a apreciação, da bella obra de Zacharias d'Aça, escripta por uma das mais brilhantes pennas do nosso mundo litterario.

Os nossos parabens ao nosso collega e a todos que lerem o precioso livro.

encurradas rezes offerecida por conta e ás migalhas em sacrificio e honra da riqueza ociosa!

N'esta disposição, de espirito descí á arena — e descia-se de facto.

Além de um alto, dominando-o o pomal em que alguns se exercitaram matando pombos, num declive, para o poente, ao fundo, corria de norte a sul, na maior extensão, a não extensa mas bem arborizada e pitoresca tapada, povoada de zambujeiros e outras arvores. Tomada na menor largura, ao meio, pelas esperas, era arrebanhada de um para outro lado, para cima d'ellas, as pobres victimas e estava feita a caçada. Plano facil mas não igual em execução na resistencia que offerecem, em seguida aos primeiros tiros, a dar-se voluntariamente á morte. E são os tiros dificeis, e mais que na caça livre, por não permitidos de frente, em direcção á batida.

Sem me designarem a espera coloquei-me na primeira proxima á entrada da tapada.

Ao deixar-me o guarda, ouvi-lhe? «este sabe toda». Fiz-me, por vaidade, sabedor previsto da espera como a melhor, quando só o afan geral que vira em procurar as distantes me determinara a escolha.

Vozes não longe, um caminho trilhado passando perto, fazia-me até prevel-a das peores. Mas o guarda tinha razão, apesar de mais de tudo me favorecer a sorte. Ainda as outras esperas por colocar e a batida não começada e já eu via surdir deante de mim, pelo tal caminho, o veado, o unico e enfeitado, seguido de tres servas. Aproximava-se yagarosamente, descuidoso e grave, em passeio. A certa distancia tomou para a encosta, á minha direita, a offerecer-me a espadua. Era a fatalidade a querer-lhe a morte.

Por excepção podia atirar para a frente, não havia perigo. Apontei-o. Parou curioso, não espantado. Deu mais uns passos e parou de novo, destacado já das menos confiadas esposas. Estava perto, 20 passos o muito. Desfechei com elle. Caiu redondo. Fora-se o feitiço, que estava na piedade dos outros que eu não tivera! Um verdadeiro assassinato!

O Conde tinha-o visto passar nas alturas e por dó ou enguço da sua possivel triste sorte acudia pedindo que o poupassem. A boas horas! O infeliz, o ultimo dos mansos sultões d'aquellas figuradas bravias selvas, jazia prostrado sem custo por inglorias mãos, e por outras não mais brilhantes mutilado já! Não podia restitui-lo á vida. Podia offerecer o fructo da victoria, para ser deposto nos altares da fama, como ironia, a fustigar-me a acção!

Feliz me correu o resto do dia; matei mais tres gamos, corridos esses; empreguei em cada um, como no veado, as duas balas, francas em alma lisa, com que sempre atirava, quando não prohibido, á caça grossa. Não erreí um tiro. Ficavam em conta corrente dos errados n'outras occasiões a igual caça.

Cahiram mais dois gamos — um morto pelo C. de F. e outro pelo V. de A.

E acabou-se a caçada sem se acabarem as rezes. Muitas ficaram ainda, que passaram depois a outras mãos, sem eu saber, se mais felizes foram na sua futura sorte. Mas não passara o *ultimo veado*. Estava realisada a arrependida vontade do Conde. Como tropheu, foi-me offerecida a cabeça que empalhada guardo a avivar-me, nos olhos fingidamente vivos, lembranças que deveras não morreram.

Lisboa, 18 de dezembro de 1898.

Caça de javardos á lança

Diz o nosso estimado collega de Madrid *La Casa Illustrada*, que foram magnificas e muito animadas este genero de caçadas, levadas a effeito em Hawarn Shaftekat, nas immediações de Tanger.

Em quatro dias de caçada, foram abatidos 18 javardos. Figuraram entre as primeiras lanças, que mais se distinguiram, o duque de Frias, D. José Parladé, D. Emilio Bonnet e Mr. Grevin, secretaria da leção Inglesa.

A estas magnificas montarias assistiram a duquesa de Frias, condessa de Creneville e muitas outras distinctas damas e espectadores da colonia estrangeira de Tanger.

Sociedade de tiro aos pombos

(TAPADA DA AJUDA)

No dia 30 de dezembro teve logar o 5.º tiro da epoca, d'esta sociedade, comparcendo apenas três atiradores:

El-Rei, D. Manuel de Noronha e Luiz de Sommer.

Houve 10 series todas a tiro simples, sendo mortos 58 pombos em 80, ganhando El-Rei 8 pulas e D. Manuel de Noronha, 2.

Durante toda a sessão do tiro S. M. atirou admiravelmente, não errando um unico pombo; e se deixou de ganhar todas as pulas, foi por que dois pombos caíram fóra da pista em que são contados *bous*.

Brevemente vae ser alargada a esplanada do tiro e do Lawn-tennis, ficando com o dobro da area actual.

Caçadas ás lebres

Nos dias 14 a 18 de dezembro, realisaram-se nos campos de Vallada e Muge, suburbios de Santarem, diversas corridas ás lebres, que já pelo resultado obtido, já pelo bello sol que as illumina e pela boa disposição, deixaram recordações inolvidaveis a todos que as presenciaram.

A primeira corrida foi no dia 14, sendo vistas 2 lebres, engalgadas 2 e mortas 2; a 2.ª em 15, vistas 6, engalgadas 4, mortas 4; a 3.ª em 16, vistas 5, engalgadas 5, mortas 4; a 4.ª em 17, vistas 6, engalgadas 6, mortas 6; a 5.ª em 18, vistas 8, engalgadas 6, mortas 5.

Total, vistas 27, engalgadas 23, mortas 21.

A esta magnifica diversão, que foi promovida pelo opulento proprietario de Santarem, Jacintho Falcão, assistiram entre outros os seguintes caçadores, quasi todos socios da Associação dos Caçadores Portuguezes, Manuel Figueira Freire da Camara, Jorge Rebello da Silva, General Abranches de Queiroz, D. Luiz da Cunha Menezes (Lumiães), D. Simão de Souza Coutinho, Dr. José Paulo Cancelli, Joaquim Casaleiro, Duarte d'Oliveira, Antonio Lapa, Tancredo Pedroso, Jorge Cordeiro, Serra e Moura, Leopoldo Rebello da Silva, José Mendes Pedroso, etc.

Caçada

CHEGARAM DO dia 8 a Lisboa os distinctos *sportsmen* srs. M. J. Araujo Sousa, Alberto Nuno de Sousa e Quartin, depois de percorrerem varios pontos do Minho e Douro.

Na volta demoraram-se 11 dias na Figueira da Foz, onde promoveram uma caçada em que tomou parte o veterinario da camara municipal d'aquella cidade e abalisado professor de gymnastica do Club Figueirense, o sr. José das Neves Elyseu. A batida começou pelas 5 horas da manhã e terminou cerca do meio-dia; foram

mortos alguns coelhos e um numero rasoavel de aves.

Os mesmos cavalheiros quizeram organizar uma garraida na Carapineira, mas varios motivos impediram a que se levasse a cabo aquelle divertimento.

Os viajantes estão muito penhorados para com o distincto *ganadero* da Carapineira, o sr. Alberto Carlos Vaz, pela lhaneza com que os acolheu.

Desastres

MAIS uma desgraça; uma nova victima, crimes, da imprevidencia.

No domingo, 8 do corrente, nos campos da Povoia de Varzim, caçavam Antonio Martins Gomes Soares e um amigo; no caminho encontram o lavrador Joaquim Gomes Ribeiro, um bom homem; eram amigos; conversam, e, a alturas tantas, dispara-se a espingarda do Soares e o Ribeiro cae morto.

Resultado: um homem bom e trabalhador morto, uma viuva e nove orphãos, e um rapaz bem comportado e estimado na cadeia, com um eterno remorso.

Agora vamos a vêr como o caso se deu: o Soares tinha a espingarda inclinada no braço, mas apostamos em como estava engatilhada? Assim devia ser, senão, não comprehendemos como ella se disparasse.

Sempre a imprevidencia! Aqui fica mais este aviso.

Em Parrascozo, freguezia de Monção, no dia 12 do corrente, andando á caça David Ventura, com uma espingarda de dois canos, ao carregar um d'elles, que estava descarregado, disparou-se o outro, levando-lhe tres dedos da mão direita.

Em que condições estaria sendo feita a operação de carregar o cano? teria elle tido o cuidado preciso para evitar um desastre? Apostamos em como não.

Mais um, que, só por fortuna, perdeu tres dedos, podendo ter perdido a vida; mais uma lição aos descuidados.

VELOCIPEDIA

QUE da pratica velocipedica resultam apreciaveis beneficios, pelo muito que contribue para desenvolver a musculatura, principalmente dos membros inferiores, para estimular as funcções respiratoria e da circulação, para alargar o thorax e para fortalecer as regiões lombar e abdominal, é facto que não admite duvida, porque o affirma a sciencia, e a experiencia o confirma.

Frequentemente, porem, se lhe imputa — e com toda a razão, digamol-o em abono da verdade — um grandissimo inconveniente: — tal é o da tendencia, que se manifesta na maioria dos que se lhe entregam, sem exceptuar os de compleição mais debil e delicada, para passarem do uso ao abuso; e, incitados pela vaidade de se mostrarem superiores em agilidade, vigor e resistencia, praticarem, pelo menos em relação ás suas qualidades e aptidões organicas, verdadeiros *tours de force*, dos quaes, mais tarde ou mais cedo, lhes advêm desastres irreparaveis.

Não faltam velocipedistas que se dêem ares de grandes e notaveis corredores, que no seu proprio conceito se julguem uns outros Jacquelin, Gougoltz ou Michael; e por isso ninguem os vê, embora n'um passeio recreativo, senão em grande correria, como se fossem effectuar um recorde que lhes devesse abrir as portas da immortalidade. Verdade seja que alguns, apenas percorridas poucas centenas de metros, logo moderam a velocidade, por se sentirem esbofados, quasi totalmente extenuados; outros, porem — e são estes os que tomam parte em corridas — seduzidos pelo estimulo dos desafios, pela ambição de alcançarem renome e medalhas glorificadoras, ou pelo interesse dos premios pecuniarios, persistem

aturadamente n'essas fadigasas canceiras, que tão inconvenientes e prejudiciaes lhes são.

E' esta uma mania contra a qual é necessario protestar, a bem dos creditos do *sport* velocipedico, e da saude dos que se mostrem dispostos aos abusos a que nos referimos. Por isso, embora nos arrisque-mos a incorrer no desagrado de quantos, sem condições physicas para grandes esforços, se sintam fascinados pela gloria de corredores velocipedicos, não hesitamos em manifestar-nos contra essa perniciosa vaidade, que allucina e deslumbra em prejuizo da saude e da vida.

E depois devemos tambem attender a que não é sob a fórma de corridas, nem de correrias de qualquer ordem, que este genero de *sport* se reveste dos predicados que o tornam recommendavel, e pelos quaes, no anterior artigo, o classificámos em o numero dos *educativos*. De facto, o corredor só carece do vigor physico e moral, e só estes, portanto, exercita e desenvolve. As facultades puramente intellectuaes não só de modo nenhum contribuem para o seu intuito, mas até, se elle as pozeze em acção, lhe prejudicariam o exito, pelas distrações que lhe proporcionariam.

Não se vá, porem, julgar, por uma errada illação do que deixamos dito, que sômos adversos ás corridas velocipedicas. Bem pelo contrario, reputámol-as espectaculos recreativos e interessantes, e uteis até, dentro de certos e rasoaveis limites, para o desenvolvimento dos que n'ellas tomam parte, quando para tal fim disponham de naturaes aptidões. O que condemnamos, e comnosco, decerto, toda a gente sensata, é que, sendo-se fraco, enfadado, rachitico ou doente, se tome parte n'esses torneos violentos; ou ainda que, possuindo-se uma boa constituição e robustez, se abuse a ponto de se praticarem excessos, como os da corrida de seis dias realisada o mez passado em Nova York, na pista de Madison-Square.

Semelhante corrida é de tal modo extraordinaria, que só cerebros de *Yankees*, a quem estamos habituados a ver attribuir frequentemente as maiores loucuras, as mais arrojadadas phantasias e originalidades, seriam capazes de a conceberem e proporem. Chegariamos até a julgar-a pura *blague*, se não soubessemos que outras eguaes se realisaram na mesma cidade em 1896 e 1897, e se os jornaes se não tivessem occupado d'ella, narrando a em todos os seus pormenores, por forma a não nos deixarem duvidas sobre a sua veracidade.

De facto, correr em bicycleta, dando milhares de voltas em torno de uma pista, durante 142 horas consecutivas, que tantas durou essa monumental corrida, representa um esforço tão exagerado, tão violento, tão inaudito, que escapa quasi á apreciação do nosso espirito. Medite o leitor em tudo quanto habitualmente costuma fazer no decurso de seis dias, as horas que consagra ao trabalho, aquellas em que repousa, as que emprega nos cuidados da sua hygiene, na sua alimentação, as que dedica ao estudo, á leitura, á sua familia, aos seus amigos, as distrações e prazeres a que se entrega, os passeios que dá, os negocios de que trata, e pense depois que durante todo esse tempo, que em tão multiplas cousas consumiu, do outro lado do Atlantico uns homens — doidos varridos ou simples ambiciosos seduzidas pelo ganho — correram na pista de um velodromo, pedalando sobre as suas machinas quasi incessantemente! Só assim se poderá apreciar de algum modo o que foi uma tão assombrosa lucha!

E tão assombrosa e tão extraordinária que bem merece que d'ella nos occupemos o mais minuciosamente possível, pois que, apesar de já ter decorrido mais de um mez sobre a sua realisação, continua a ser na actualidade o assumpto mais palpitante do cyclismo.

Foi um minuto depois da meia noite de 4 para 5 de dezembro ultimo que o *starter* deu o signal de partida aos corredores.

O entusiasmo dos espectadores convertera-se em verdadeira febre, febre cyclista (*bicycle fever*) como elles proprios lhe chamavam. Em toda a grande cidade de Nova-York era de ha muito a corrida o assumpto obrigado das conversações; discutiam-se acaloradamente as probabilidades de exito dos diferentes corredores, e faziam-se apostas mais ou menos avultadas. Por isso, no dia em que devia começar a monstruosa prova, o publico, que se apinhava em todos os logares do velodromo, respondeu com um immenso, um vibrante, um estrepitoso *hurrah* ao tiro de pistola, a cuja detonação deviam partir os 35 concorrentes inscriptos, e que se encontravam reunidos na pista para medirem entre si as suas forças.

A lucta trava-se logo de principio com grande ardor, como se se tratasse apenas de uma insignificante corrida em que não fosse necessario poupar as forças, e os corredores diligenciam, quanto podem, alcançar e manter a dianteira, o que diversos conseguem, cada um por seu turno.

Seria sem duvida muito interessante para os leitores a exposição de todas as minuciosidades e pormenores da corrida de que tratamos; como, porém, o espaço reservado a esta secção nos não permite alargar-nos muito, limitar-nos-hemos a uma ligeira narrativa dos principaes incidentes, e á indicação das distancias percorridas em varios tempos, em relação aos corredores mais avançados, e em confronto com outras corridas notaveis.

Ao fim da primeira hora, das 142 que a lucta devia durar, Schinner, que tomara a dianteira, batendo encarnadamente Miller e Frederico, tinha percorrido 34 k. 978 m., enquanto que em identica corrida do anno de 1897 Miller fizera 38 k. 176 m. e nos tres dias de Paris 37 k. 450 m.

Logo em seguida, porém, Frederico retoma o primeiro logar, e em duas horas cobre 71 k. 350 m. Miller em 1897 fizera 74 k. 619 m., e nos tres dias de Paris 71 k. 730 m.

Esse primeiro logar mantem-no o campeão suizo até quasi á 6.^a hora; mas então, não obstante a sua provada resistencia á fadiga, resistencia de tal ordem que em Paris lhe permittiu conservá-se sobre a machina durante 24 horas consecutivas, é assaltado de um violento incommodo gastrico e obrigado a apeiar. Pelo mesmo motivo desiste um outro, e ainda um terceiro, Smith, tem de abandonar a pista, por ter cahido e fracturado uma costella. Os demais, tendo diante de si a perspectiva, sem duvida pouco seductora, de 6 dias de corrida, descem tambem das machinas frequentes vezes, e apenas um francez, Joyeux, percorre sem interrupção 316 kilometros. A' duodecima hora Miller era o 1.^o, com 380 k. 519 m. Distancia de Nova-York em 1897, 385 k. 16 m., de Paris, em 1898, 373 k. 500 m.

O campeão francez Stéphane, ao cabo de 20 horas de corrida, abandona a pista, atacado tambem, como Frederico, de violentas dores no estomago. Por tal motivo mostra-se vivamente impressionado o publico, que até então o acclamára com en-

thusiasmo e notavel imparcialidade, não porque elle se houvesse distinguido n'esta corrida, em que a sua posição fôra sempre desvantajosa, mas em attenção á fama que aureola o seu nome pelas brilhantes provas que tem dado.

A's 24 horas, Pierce, Waller, Miller e Teddy Hale são os que mais se salientam, principalmente o primeiro, que, tendo tomado a dianteira á decima terceira hora, não se mostra disposto a abandonar-a, revelando uma infatigavel energia, pois se conserva sem dormir, e descendo da machina só raras vezes e por muito pouco tempo. Frederico, restabelecido do seu incommodo, diligencia recuperar o tempo perdido, apeiando-se o menor numero de vezes possível; e n'esta altura é elle já o unico europeu com probabilidades de exito, porquanto os dois francezes, Joyeux e Monachon, sentem-se visivelmente fatigados, a ponto de terem de descançar frequentes vezes e por muito tempo. Como mais tarde, porém, o soffrimento lhe voltasse com maior violencia, Frederico teve de abandonar de todo a pista, com o desespero na alma... e no estomago.

Quando souo o tiro annunciando a 24.^a hora, Pierce tinha percorrido 735 k. 630 m. batendo assim por 1 k. 525 m., o recorde estabelecido em 1897 por Waller, com 734 k. 105 m.

Dos 35 concorrentes inscriptos só restam na pista 23, mas os espectadores, quer de dia quer de noite, são sempre igualmente numerosos e cheios de enthusiasmo.

A's 36 horas Pierce contava 1:026 k. 733 m. levando 27 k. de avanço sobre Waller e 50 sobre Miller, e batendo por 8 k. 530 m. o recorde de Waller em 1897, de 1:018 k. 203 m.

N'esta altura da corrida, porém, mais que a fadiga muscular, o somno começa a dominar de fórma invencível es corredores, que debalde tentam resistir a tão imperiosa necessidade. O proprio Pierce fraqueja, e afinal, ferindo-se no selim, modera o andamento por fórma que Miller, passando á frente de Waller, lhe toma tambem a dianteira, sendo o primeiro, á 60.^a hora, com 1:575 k. 504 m. Em 1897, em Nova-York, Miller cobria no mesmo espaço de tempo 1:684 k. 585 m., e Frederico em Paris, em 1898, 1:556 k. 566 m.

Ao 5.^o dia de corrida os medicos, reconhecendo que alguns dos corredores se não acham em estado de proseguir na lucta, obrigam-nos a abandonar a pista, sendo comprehendidos n'este numero os dois francezes Joyeux e Monachon, que protestam energeticamente contra uma tal decisão.

Waller, que á 90.^a hora tinha a seu favor 10 k. de avanço sobre Miller, é batido por este, cuja indomavel energia e ausencia quasi absoluta de repouso a todos maravillham. A' 108.^a hora Miller contava 2:607 k. 66 m., quando em 1897, tambem em Nova-York, o mesmo campeão percorrera 2:647 k. 558 m., atrazando-se, portanto, d'esta vez, cerca de 40 k. do recorde por elle proprio estabelecido.

Waller, vencido, pela fadiga e pelo somno, adormece sobre a machina e cae por duas vezes, ferindo-se da segunda ligeiramente; mas, depois de um curto repouso, volta em perseguição de Miller. Teddy Hale, vencedor dos seis dias em 1896, abandona tambem a lucta, completamente extenuado; mas, depois de descançar por algum tempo, reaparece na pista.

A' 114.^a hora Miller contava 2:745 k. 465 m., quando em 1897 cobria no mesmo tempo 2:768 k. 199 m., ficando portanto áquem do seu proprio recorde 22 k. 734 m.

A' porporção que a lucta se aproxima do seu termo o enthusiasmo popular redobra. Waller faz esforços desesperados para bater Miller, mas o resultado é este ultimo bater os seus proprios recordos de 1887. Com effeito, á 132.^a hora contava elle 3.115 k. 604 m. quando em 1897 cobria em igual tempo 3.110 k. 380 m., isto é, menos 5 k. 217 m. Por tal motivo os ovações ao *recordman* tornam-se delirantes e estrepitosas.

Waller, exgotado pela lucta desesperada que travara com Miller, fraqueja, cae e fere-se, comprometendo assim as probabilidades que tinha de ser o segundo, não obstante levar de vantagem sobre o terceiro, Pierce, 96 kilometros.

A' 136.^a hora Miller tem 70 k. 810 m. de avanço sobre Waller, e este ultimo 93 k. 339 m. sobre Pierce. Nas 136 horas Miller cobria 3.170 k. 321 m. e em 1897 3.153 k. 708 m.

A's 5 horas da tarde de sabbado, 10 de dezembro, realisou-se em pleno velodromo o casamento de Miller com Miss Genovena Hanson, uma loira e formosa americana, que assistira, com o interesse que pôde suppôr-se, a todas as peripicias da corrida. Fimdo este original casamento, na presença de 6:000 espectadores, a noiva volta para o seu logar e Miller prosegue a corrida.

Finalmente, ás 10 horas da noite de sabbado, 10 de dezembro, a lucta termina no meio do enthusiasmo louco da enorme multidão que enchia o velodromo. Quando Miller, o vencedor, desce da machina, a sua noiva precipita-se para elle e abraça-o commovidissima, o que faz com que redobrem os phreneticos applausos da multidão.

A classificação final foi a seguinte.

- 1.^o Miller com 3229 kil. 865 m.
- 2.^o Waller com 3.194 kil. 460 m.
- 3.^o Pierce com 3.067 kil. 325 m.
- 4.^o Frank Albert com 2.932 kil. 144 m.
- 5.^o Gimm com 2.867 kil. 772 m.
- 6.^o Lawson com 2.827 kil. 540 m.
- 7.^o Aronson com 2.782 kil. 605 m.
- 8.^o Nown com 2.769 kil. 479 m.
- 9.^o Forster com 2.684 kil. 342 m.
- 10.^o Stevens com 2.444 kil. 531 m.
- 11.^o Teddy Hale com 2.417 kil. 168 m.
- 12.^o Juilius com 1.876 kil. 443 m.

Em 1896 Teddy Hale cobriu nos seis dias 3.073 k. 763 m., e em 1897 Miller 3:192 k. 146 m.

Calcula-se que a victoria de Miller lhe deu um lucro pecuniario de 6.200 dollars, approximadamente 6.200\$000 réis da nossa moeda.

Em seguida encontrarão os leitores a resenha dos principaes recordos d'esta gigantesca prova, com os nomes dos respectivos detentores. Melhor que todas as considerações que podessemos fazer, essa resenha mostrará, pela alternância dos corredores na dianteira, quanto a lucta foi ardua e violenta.

Distancia	Detentor	Tempo
100 milhas	Frédéric	4 h. 49 m.
200 >	Miller	10 h. 4 m.
300 >	Waller	15 h. 30 m.
400 >	Pierce	20 h. 54 m. 32 s.
500 >	>	27 h. 29 m.
600 >	>	33 h. 34 m.
800 >	>	46 h. 47 m.
1.000 >	Miller	61 h. 5 m. 30 s.
1.200 >	Waller	76 h. 42 m.
1.300 >	Miller	84 h. 34 m.
1.400 >	Waller	91 h. 48 m.
1.500 >	Miller	99 h. 28 m.
2.000 >	>	159 h. 41 m. 5 s.

A 2.000ª milha Miller realizou uma verdadeira proeza. N'um arranco soberbo, teve ainda vigor bastante para percorrer esta ultima milha em 2 m. 51 s. $\frac{5}{8}$, o que equivale a uma rapidez de 34 k. á hora, isto depois de ter corrido 3.200 kilometros!

Já dissemos o que pensamos em geral das corridas velocipedicas, e quaes as condições a que entendemos deverem subordinar-se os corredores. Levados pelas nossas ideias, claro está que não podemos applaudir uma lucta que evidentemente foi um verdadeiro supplicio para os que n'ella tomaram parte, pedalando durante seis dias e seis noites consecutivas, com o fito unico de alcançarem os quantiosos premios offercidos aos vencedores, pois não podemos admittir que nenhum se sujeitasse a um tal supplicio por mero passa tempo ou simples amor da gloria.

Luctar contra o somno, a fadiga e o mal estar physico, soffrer voluntariamente, e por tão prolongado espaço de tempo, verdadeiras torturas, seria nobre, levantado, heroico, digno do mais sincero e incondicional applauso, se se tratasse de um desses commettimentos ingentes de que resultam manifesta e indiscutivel utilidade. Tratando-se, porém, de uma corrida velocipedica, tamanhos sacrificios—pondo de parte os intuitos gananciosos dos corredores—revestem-se aos nossos olhos de um aspecto verdadeiramente atroz e selvagem, com que não podemos conformar-nos.

Em todo o caso, o que d'esta corrida se não pode deixar de concluir como lição proveitosa, é que a pratica velocipedica aturada desenvolve a constituição e a robustez naturaes, por forma a permitir a realisação de provas d'esta ordem, em que a energia moral, a força muscular e a resistencia physica se revelam na mais soberana e assombrosa pujança.

MAGALHÃES FONSECA.

Corridas no Pará

Com enorme enthusiasmo e extraordinaria concorrencia realisaram-se no dia 11 do corrente as corridas promovidas pelo Grupo Velocipedico da Associação Dramatica, Recreativa e Beneficente no Hippodromo do Jockey Club Paraense.

Eis o resultado:

1.ª corrida, 1:070 metros, 1 volta:
1.º Manoel Luiz Lobato. 2.º Francisco Guimarães.

Tempo, 2' 4"
2.ª corrida, 2:140 metros, 2 voltas:
1.º Manoel Daciél Lobato. 2.º Arnaldo Veiga.
Tempo, 4' 13"

3.ª corrida, 5:000 metros:
1.º Rodolpho Paul. 2.º Oscar Avellar.
Tempo, 9' 36"

4.ª corrida, 5:000 metros:
Desafio entre os cyclists Mario de Sousa e Americo Gadelha, vencendo o primeiro em 9' 45"

5.ª corrida, 3:210 metros, 3 voltas, para tandem:
1.º equipo Vasques-Brandão. 2.º equipo Guimarães-Avellar.
Tempo, 5' 36"

6.ª corrida, 1:000 metros, Handicap:
1.º Mario Souza. 2.º Rodolpho Paul.
Tempo, 1' 36"

CYCLAMOUR.

A' cerca d'estas mesmas corridas recebemos tambem a correspondencia abaixo, de que damos publicidade, supprimindo-lhe apenas a parte que se refere aos resultados, e que constam da carta antecedente.

No dia 11 de dezembro ultimo realisaram-se no Prado Paraense umas grandes corridas de bicycletas, promovidas pelo Grupo Velocipedico da Associação Dramatica recreativa e Beneficente,

que tanto tem contribuido, pelos seus esforços, para o desenvolvimento do cyclismo n'aquella cidade brasileira, sendo a ella que se deve a realisação do «Campeonato do Pará», corrido em 4 de setembro do anno p. p. na distancia de 5 k., e do qual sahii vencedor o notavel cyclist Ernesto Mattoso Filho. Este Campeonato foi já devidamente reconhecido pela *Union Velocipedique de France*, sendo por isso a Associação a que nos referimos a unica que pode realisar annualmente tal prova cyclica.

As corridas effectuaram-se no meio da maior animação e enthusiasmo.

Fallando d'estas não podemos deixar de referir-nos em especial ao desafio Gadelha—Mario de Souza salientando duas coisas—a victoria de Mario—e o alto caracter e cavalheirismo de Gadelha, que foi com a lealdade, com a correção, com a fidalguia que o caracteriza medir forças na arena, para vencer ou ser vencido, sem ovações adreces preparadas, apenas com a força de seu prestigio e com a altura da sua grande consciencia de rapaz brioso e honesto.

A corrida foi electrizante, desde o tiro de pistola que annunciou a partida, até á chegada.

Mario e Gadelha correram as quatro voltas roda a roda, até que o primeiro, n'um esplendido arranco de 300 metros, distanciou o seu competidor por seis metros, quasi sem esforço, folgado.

O povo recebeu-o em estrondosa ovação, como um triumphador, apesar d'elle nada querer receber senão a par do seu valente e leal competidor.

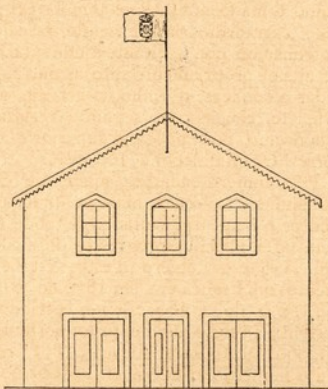
Ainda de novo no *handicap* Mario venceu com grande distancia, provando assim que em velocidade difficilmente encontrará no Pará competidor.

X.

NAUTICA

Real Club Naval de Lisboa

REALISOU-SE no dia 10 do corrente, a inauguração dos trabalhos para a construcção em Santos, junto ao Tejo, d'um chalet para sede do *Real Club Naval*, e armazem das suas guigas, a esta cerimonia concorreu o Conselho Director alguns socios o socio encarregado da fiscalisação da mesma obra e constructor, associandó-se a este acto o nosso estimavel amigo e infatigavel pugnador do sport em Portugal o sr. Anselmo de Souza director de *O Tiro Civil*, que assim quiz tomar parte em a nossa festa, mostrando quanto lhe interessam estes progressos do sport nautico.



Sede do Real Club Naval de Lisboa

Juntamos um croquis do chalet, que deve ter 16 metros de cumprimento por 10 de largura com dois pavimentos, sendo o inferior exclusivamente para guarda de embarcações e o superior para sede do club.

Sobre as suas deveições fallaremos mais tarde quando dermos uma noticia mais detalhada do mesmo edificio, acompanhada da sua photographia. Foi encarregado da construcção o habil empreiteiro o

sr. Abilio de Campos, de Oeiras, que so-beijas provas de sua competencia tem dado em outras obras que lhe tem sido confiadas.

Terminamos por felicitar a Direcção do *Real Club Naval*, por ver coroados com exito os seus esforços de longos annos, os socios do mesmo club, e, em geral o sport nautico Portuguez.

Não podemos deixar de felicitar o *Real Club Naval de Lisboa*, associação nova, pois foi fundada em 1891 por ter sido a primeira que estabeleceu o *boot house* para sede do seu club á imitação do que ha no estrangeiro, resolvendo portanto esse desideratum.

Hurrah pelo *Real Club Naval*.

Bow.

HYGIENE

O Alcoolismo

COMO não cessem as exhortações salu-tares dos higienistas, nem affrouxe a moralisadora propaganda das sociedades de temperança, nos paizes onde o consumo das bebidas alcoolicas vae tomando proporções assustadoras, decretam philanthropicamente os poderes publicos varias medidas no intuito de combater o mal. Que o mal é incuravel já alguém aventou, procurando com optimos argumentos evidenciar a veracidade da allegação pessimista. Não irei tão longe; confesso entretanto que não acredito na efficacia das medidas repressivas propostas pelos legisladores e adoptadas em alguns paizes, como peia aos progressos do alcoolismo.

Nem o projecto de lei apresentado ao senado belga pelo sr. Lejeune, visando directamente os taverneiros e aguardenteiros, nem os argumentos de direitos sobre o alcool recentemente votados pelo conselho municipal de Paris, farão diminuir em terras de França ou do Brabante o numero dos borrachos.

A proposta Lejeune não se oppõe a que nas lojas de bebidas se venda profusamente cerveja ou vinho e pretende apenas regulamentar o consumo da aguardente, não permitindo ao botequieiro vender senão uma pequena quantidade a cada consumidor e punindo, com multas mais ou menos peçadas, as infracções a esta lei, assim como a lei de 1887 sobre a embriaguez. A policia belga terá o direito de mandar fechar temporariamente ou mesmo definitivamente os estabelecimentos onde se fizerem apostas estupidas, entre bebedores, onde houver desordens provocadas por ebrios, onde se commetterem crimes, offensas aos bons costumes etc., etc.

E' bem de vêr que em consequencia da nova lei Lejeune, o vendedor de gopigas vae tratar de pôr cõbro as bebedeiras de portas a dentro, e quando o freguez estiver como um cacho aconselha-o a que vá tomar o fresco, ou esconde-o debaixo do balcão até ao dia seguinte, para a cozedura. Mas como evitar a multa iniqua, se he entra na bodéga um podre diabo já tolidado por anteriores libações e desanda em tumultuoso berreiro para que lhe matem a sede com alguns copitos? Ah! temos nós a desordem provocada por ebrios, do projecto Lejeune, e n'este caso é forçoso confessar que nenhuma culpa tem o dono da locanda.

O novo imposto municipal francez po-

derá enriquecer o fisco, dar grande impulso á industria dos licores finos, elixires, aperitivos e vinhos tónicos preparados pelos chimicos destilladores, que naturalmente augmentarão os seus preços, contribuir emfim para aperfeiçoar a arte de impingir ao povo por sumo da uva, as mais abominaveis mistelas de campeche, sangue de boi e agua chilra, e por aguardente de vinho o alcool impuro proveniente da destillação do succo fermentado dos cereaes, das batatas e das beterrabas! . . . o que a sua taxa fiscal não impedirá, com certeza, é que o rico continue a alcoolisar-se com espiritos caros e bebidas finas e o pobre com asquerosas zurrapas e misturas altamente toxicas.

Os novos direitos sobre o alcool terão como consequencia inevitavel o augmento do preço dos vinhos e das bebidas espirituosas. Ganha com isso o fisco e não perde o taverneiro. Diminuirá entretanto o consumo do alcool? Doce illusão! O alcoolico pobre, o operario das cidades, o lavrador dos campos, etc. sujeitará a familia ás mais duras privações a fim de poder beber a sua conta; o alcoolico rico ou remediado pagará a differença sem protestar. «*Qui a bu, boira*», diz o adagio francez. O systema de extremar vicios por meio de impostos é a maior das utopias.

Confesso que tenho mais fé na campanha inteligente promovida pelos que não ignoram os maleficios do terrivel toxico, campanha que, para ser proficua, deve ser feita sem treguas, nas escolas primarias pelos educadores da infancia, nos collegios e escolas superiores pelos professores, na imprensa pelos publicistas, nos hospitales pelos medicos, nas familias, nas officinas, nas fabricas, nos quartéis etc., por meio de conferencias, de preleções, de estampas demonstrativas, empenhando-se n'esta humanitaria propaganda não sómente o Estado, mas todos quantos se interessam pelo futuro do seu paiz e sabem para que degenerada e miseravel raça se encaminha um povo de alcoolicos.

A este proposito muito me apraz citar um decreto que se me deparou, ha poucos mezes, no jornal official da Belgica, abrindo concurso para a composição e execução d'um quadro, em chromolithographia, representando de uma banda scenas de embriaguez crapulosa, crimes devidos ao alcool, assim como as lesões produzidas no coração, no figado, nos pulmões, pelo abuso das bebidas alcoolicas; e da outra, a reprodução dos mesmos órgãos nos individuos sobrios e abstemios, acompanhada de scenas oppostas ás primeiras, exemplos de felicidade domestica nas familias que observam os preceitos da temperança etc.

O auctor da melhor composição recebeu uma recompensa de mil francos. O chromo foi espalhado pelas escolas, pelas fabricas, pelos hospitales; é provavel que d' resultados mais satisfactorios do que o projecto de lei do senador Lejeune.

A iniciativa do Dr. Legendre, medico d'um grande hospital de Paris é igualmente digna d'applauso. Nas suas enfermarias (e nas varias dependencias do serviço hospitalar: refeitório dos enfermos, jardim, *water-closets* etc.) encontra-se affixada a seguinte nota, nitidamente impressa em caracteres vermelhos:

— **Aviso importante.** — *A maior parte das doenças tratadas nos hospitales são causadas ou aggravadas pelo abuso das bebidas alcoolicas.*

— *Todas as bebidas alcoolicas são peri-*

gias. As mais perniciosas são as que contem, além do alcool, essencias aromaticas, como o absintho, a vulneraria e os chamados «aperitivos» ou «amargos».

— *As bebidas alcoolicas são ainda mais prejudiciaes á saude quando tomados em jejum ou fóra das refeições.*

— *O homem que bebe todos os dias alcool, licores, ou vinho em excesso (mais d'um litro por dia) envenena-se lentamente mas inevitavelmente, mesmo quando se não embriague.*

— *O alcool é um veneno cujo abuso destróe mais ou menos rapidamente os órgãos indispensaveis á vida; o estomago o figado os rins, os vasos sanguineos, o coração e o cerebro.*

— *O alcool é um excitante mas não um fortificante. Jamais o uso das bebidas alcoolicas pôde substituir os alimentos, cujo sabor o alcool entretanto faz perder.*

— *Beber com frequencia alcool, e vinho em excesso (mais d'um litro por dia) augmenta a predisposição para a doença e aggrava o mal, que se complica muitas vezes de delirios mortaes.*

— *O alcool, enfraquecendo os pulmões, origina muitas vezes a tísica pulmonar. É frequente vêr entrar no hospital por alcoolismo, doentes que voltam, mezes depois, atacados de tuberculose.*

— *Os filhos dos alcoolicos são frequentemente idiotas ou mal conformados, ou morrem na primeira infancia victimas de convulsões.*

— Na *Sociedade medica dos hospitales de Paris* a questão do alcoolismo está na ordem do dia. Um professor da faculdade de medicina o Dr. Debore escolheu este anno para assumpto do seu curso de pathologia interna o estudo das intoxicaciones e em particular da intoxicação alcoolica. É a preleção inaugural do referido curso que vou colher os seguintes dados estatisticos na verdade edificantes.

O consumo do alcool, em França excede actualmente dois milhões de hectolitros; alcool a 100 grãos, deve notar-se. Ora como o alcool que se bebe tem aproximadamente 40 grãos pôde-se dizer que a população d'este paiz absorve annualmente para mais de cinco milhões do pernicioso liquido!

O mal vae-se aggravando cada vez mais tendo tomado nos ultimos tempos proporções extraordinarias. Fazendo o calculo do consumo por habitante e addicionando ao alcool propriamente dito as outras bebidas alcoolicas, o vinho, a cerveja, a cidra, etc. chega-se ao seguinte resultado: o consumo, por cabeça, é superior a quatorze litros de alcool a 100 grãos!

Pelo numero cada vez maior de cafés, botequins e tavernas mais ou menos luxuosos e bem frequentados se pôde tambem fazer idéa dos progressos do alcoolismo. Assim o numero d'estes estabelecimentos em França era, em 1830 de 281000; em 1890 de 413000; n'um periodo de sessenta annos o augmento foi portanto de 132000. Ora, a estatistica de 1897 registra o numero consideravel de 500.000 botequins. De 1890 a 1897, isto é n'um periodo de sete annos o augmento foi de 87.000!

Em França, como na Belgica a progressão ascendente no consumo do alcool está constituindo um verdadeiro perigo nacional: as observações dos alienistas e as estatisticas da criminalidade demonstram-no superabundantemente.

N'alguns paizes o consumo do alcool tem-se conservado estacionario (Hollanda, Inglaterra, Italia); em outros (Allemanha,

Suecia e Noruega, Suissa, Estados-Unidos) tem seguido uma progressão descendente. As estatisticas do crime e da alienação mental registam uma diminuição correlativa de casos, nos referidos paizes; na Suecia por exemplo: de 1830 a 1834 o consumo annual do alcool era de 13 litros por cabeça: os tribunaes suecos pronunciaram 59 condemnações por homicidios e 2281 condemnações por furtos e ladroerias. De 1875 a e 1878 o consumo baixa a 5 litros meio: o numero de homicidios reduz-se a 18 e o de roubos a 1871

Na Noruega a progressão descendente dos delictos com a diminuição do alcoolismo foi ainda mais notavel, mas não quero enfadar o leitor com estatisticas. Está hoje demonstrado que a criminalidade d'um paiz augmenta na razão directa da quantidade d'alcool que esse paiz consome, como está demonstrada tambem a influencia do terrivel veneno na produção da alienação mental.

A gravidade dos efeitos individuaes vem juntar-se o perigo social. Triste destino o dos povos que não souberem combater o mal implacavel!

É tempo de pensar no assumpto em Portugal. A's affirmações dos optimistas que pretendem que o alcoolismo é desconhecido no paiz, responde, com provas evidentes do contrario, o luminoso relatorio do Dr. Alfredo de Figueiredo, apresentado ao ultimo congresso de medicina de Lisboa.

O mal existe, infelizmente. Tratem de o combater os que se interessam pelos destinos do paiz.

Paris.

J. de MELLO VIANNA.

EXCURSÕES

A Serra da Estrella

Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881 — Secção Ethnographica — I — Relatorio do sr. Luiz Feliciano Marrecas Ferreira.

É triste e nua toda a chapada da serra, batida pelos ventos, varrida pelos nevoeiros, mordida pelo gelo; não altera a monotonia da vastissima solidão a copa de uma arvore; nenhum som vem interromper o silencio sepulchral; é rasteira toda a vegetação alpina e tão resistente, que não se reconhecem sobre ella vestigios do percurso dos transeantes.

Afigurar-se-nos-hia que ninguém ainda ousára pisar aquella terra das lendas, se os marcos de pedra empilhada, com que, de espaço a espaço, deparámos, nos não indicassem que ha muitas pessoas obrigadas pela necessidade de atravessarem aquellos páramos.

Os marcos, unicos pontos de referencia que se encontram n'uma extensão consideravel, attestam quão penosa é a vida dos pobres serranos, aos quaes servem de guias, e a monotona uniformidade de todo o terreno, por onde, apesar de muito trilhado, é impossivel o distinguir vereda.

Do lado do Alva a penedia cortada em arestas vivas que se prolongam até ao extremo do horizonte, as pittorescas lagôas com o brilho das suas aguas espelhadas, enormes socacos de rochedo que se succedem vertiginosamente até o fundo dos abysmos, o aspecto de um phantastico amphitheatro, tal é o espectáculo que nos prende e enleava ao subir pela cumada.

Um pouco a E. do Planalto da Expedição desde o solo, profundamente ravinado, para o valle do Zezere, o qual desenvolve em leque os diversos ramos do seu curso superior n'um delta que lhe constitue a cabeceira; dispertem de um ponto situado abaixo dos Cantaros, accidentes estes do terreno, cujo nome tem servido por diversas vezes para designar toda a região dos planaltos, que em tableiros successivos se vão elevando desde o Chão das Barcas até á Estrella, constituindo a parte mais notavel e caracteristica do relevo do extenso tracto da serra.

Como o d'esta zona alpina, o solo do valle é na origem, ou cabeceira d'este, tapetado por

uma herba curta, *nardus stricta*, cujas raízes possantes o seguram e preservam da desnudação, posto que as frequentes depressões, conservando ainda a agua represada em pleno estio, nos comecem a attestar vestígios da força erosiva dos gélos, os quaes se succedem com menores intervallos, á medida que descemos pe la encosta.

De longe em longe a *campanula Herminii*, especie caracteristica da região, mal descobre por entre o rasteiro *nardus* das roxas e pequenissimas petalas da sua corolla mimosa.

Nos pontos de mais rapido pendor, sujeitos portanto a uma acção desnudante mais intensa, depara-se a rocha nua profundamente alterada, sobre a qual se estende, colleando como uma cobra, um ou outro caule de zimbro, *juniperus communis*, que, não podendo manter-se erecto, como o dos valles, se vê obrigado a rastejar, afastando, quebrando, ou torturando, os pedaços de granito que lhe tolhem o desenvolvimento.

Aqui e acolá, um fio de agua corrente em estreito sulco vae alimentar alguns tanques naturaes, conservando n'elles uma limpidez extraordinaria; não pôde a agua ser inquinada de um modo sensível pela destruição e putrefacção das substancias organicas que encontra, graças a um clima que não tem estação estival, onde apenas uma primavera de poucos dias vem succeder ao extenso e rigoroso inverno.

Nalguns pontos estas escavações, cheias de agua, praticadas em degraus successivos do terreno, apresentam uma bella apparencia; opera-se um esgoto continuo de umas para outras, mas nem sempre a agua corre a ceu descoberto; em

a derrocada immensa de um edificio tão grandioso, que nos não é dado figural-o nos espectaculos da imaginação, do que o producto de acções lentas e constantes, que ininterruptamente têm em larguissimo periodo accumulado tantos escombros.

Vemos ali bem patente uma das paginas mais interessantes da historia da terra; não se nos deparam as camadas sobrepostas, pelas quaes outros terrenos revelam os longos periodos da genese porque passaram; não existem no mal-ladado ermo os phenomenos, que nas circumvisinhanças de Saint-Abb's-Head arrancaram ao celebre geologo Hutton uma descripção de brilhante colorido; em toda aquella zona não ha o fossil, infinitamente pequeno, que na phrase elegante de Quinet veiu revelar e explicar o que foi infinitamente grande, mas encontraria ali assumpto para uma das suas bellas descripções o geologo que fez o primeiro estudo scientifico dos Alpes, o grande Saussure.

Da crista do morro, rudemente intitulado Poio do Passarão, para E., desce o fragedo de socalco em socalco até ir esconder a sua base nas aguas da lagôa.

A breve trecho o Cantaro Gordo apruma sobre o valle o seu inacessível escarpado deixando cair a superficie profundamente escalvada, quasi a pique, sobre as aguas de outra lagôa a que dá o nome, depois de ter elevado ás nuvens a crista, que as agulhas da penedia coroom com um diadema de granito.

Contiguo e a S. d'este valle, o do Zezere, propriamente dito, começa por uma verdadeira muralha, que em epochas muitissimo remotas de-

que no deserto, devastado pelos turbilhões do simoun, julgava ouvir ainda a palavra de Deus, e tantos outros, que intentaram solettrar as paginas do livro immenso da natureza, nunca saberiam dizer-nos como a palavra humana ha de exprimir, o que n'estas paragens da Estrella a pedra ali nos diz na sua rude linguagem.

Só um guia intrepido e muito conhecedor do sitio lá pôde conduzir o visitante por uma unica vereda, indo procurar o ponto mais alto do terreno adjacente, o qual dista muito pouco do vertice. Reduzido extremamente o percurso por este modo, indicando-nos o guia todos os movimentos a fazer, é ainda assim muito perigosa a ascensão e peor a descida, tendo já esta empresa sido fatal aos proprios habitantes da serra. Sobre elle se collocou uma pyramide geodesica, hoje desmoronada, custando a vida, segundo é tradição corrente, a dois pastores.

Contiguo, do lado do S., está a rua dos Mercadores, cujas paredes apumadas e bem desmenadas, guardam entre si uma distancia de 3 metros.

No extremo do curiosissimo accidente do solo desde este rapidamente e a vista do observador vae mergulhar no terreno ondulado, que se estende desde a serra de Malcata até o interior de Hespanha, ficando muito afastado e a algumas centenas de metros abaixo do nivel da rua o primeiro tracto de terreno que se avista.

N'aquelle dedalo inextricavel, que o soberbo panorama apresenta, perdem-se completamente as relações de posição que existem entre os diversos contrafortes de ordem inferior; esconde-se uma vastissima extensão de terreno nas pregas d'aquelle enorme relevo, as quaes, como cristas de vagas n'um oceano de montanhas, sobem, descem, correm em todos os rumos, descrevem as mais caprichosas curvas; ora tem despropositadas protuberancias, que a redução operada pela distancia vae disfarçar nos contornos geraes das cristas, ora se eriçam de agulhas que a penedia levanta.

Por sobre estas ondulações ergue-se o massico imponente da cordilheira carpetano-lusitânica até á serra de Gredos, que se perde nos confins do horizonte, onde a cordilheira inflecte para o ceu a sua linha de comiada, attingindo ali uma altura superior ás dos pinaros da serra de Gata, á da Penha de

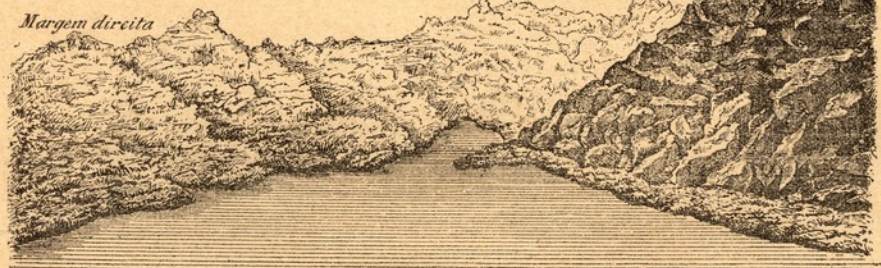
Francía, á da propria Estrella, a mais consideravel de todas aquellas a que se eleva desde o oceano.

A luz batendo de chapa n'aquella vastissima extensão de territorio a descoberto e as paredes negras do granito, que estreitam e limitam o campo de observação, formam um contraste, de que resulta para a paisagem um notavel realce.

Não entrarei em mais minuciosa descripção d'estes sitios, cujos echos mal desperta o vôo alteroso da agua, ou a monotona e triste melopéa da canção serrana; que tem nas ruinas uma historia; nos despenhadeiros e nevoas que a miudo os revestem, um perigo; nas lendas, que aquelle meio propicio tem produzido e nas lagôas, uma poesia.

Vistas uma vez as cabeceiras do Zezere nunca mais se apaga a viva impressão que despertem; a acção ignea, que determinou a irrupção dos granitos no dorso da cordilheira, nunca mais veio, é certo, alterar a obra que executára nos periodos da jense; a lava vulcanica não tem corrido, ardente e espumante, a sulcar-lhe os flancos crestados; do solo pobrissimo não pôde a torrente arrancar lava, que agite nas suas aguas revoltas e vá sepultar povoações, como nos Alpes; mas nos rochedos erguidos, nos valles entulhados de destroços, nos Cantaros, nos esplendidos panoramas, nas lagôas, em todo este quadro de grandeza, de desolação, ou de estermínio, encontram decerto assumptos dignos de interesse, até aquelles que já pizaram as mais altas montanhas do mundo, porque a natureza, sempre prodiga, sempre fecunda, se compraz na extrema variedade dos seus grandiosos espectaculos.

N'esta nova secção publicaremos os escriptos que nos enviarem, sobre este interessante assumpto, sempre que tenham valor e venham em condições aceitaveis.



Serra da Estrella.— Vista da lagôa comprida tirada de um barco

todas as vertentes da serra pratica no subsolo granítico diversos canaes por onde circula e assim vemol-a brotar e em breve trecho desaparece na canalisação subterranea, que um trabalho secular produziu.

Taes estragos, relativamente insignificantes, que encontrámos nos pontos mais elevados, onde quasi que se não faz sentir a violencia das correntes, deixam-nos já antever a vastissima scena de ruinas do valle do Zezere, que parece ter sido adrede escolhido pela natureza, como theatro em que exhibiu os seus mais poderosos meios de extremínio.

O valle da Candieira apresenta no seu começo uma enorme mole de granito que o atravessa de vertente a vertente; dir-se-hia que a sua extrema dureza a tinha preservado das acções erosivas, cuja existencia á montante reconhecemos, se estreitas e profundas cortaduras, que dão escoante aos caudales, e os indícios bem patentes de destruição, nos não viessem mostrar na massa rasgada e alterada do rochedo evidentes testemunhos do ataque terrível effectuado pelos agentes atmosfericos.

N'uma d'estas apertadas fendas do fundo desce com espantoso declive e apresenta-se coberto de pedras soltas, algumas d'ellas de grandes dimensões; sente-se uma estranha commoção ao contemplar a queda rapida do terreno, a quantidade enorme de pedra que, empilhada sobre uma superficie situada a muitas dezenas de metros abaixo de nós, parece querer attingir os céos, apresentando um gigantesco vulto, e o numero de seculos necessario para ella se depositar e engassar a cortadura, degradada como veio dos logares mais culminantes.

E' ali que verdadeiramente começa o celebre valle da Candieira, cuja formação na sciencia antiga só poderia ser explicada por convulsões enormes do solo, que, arrancando a rocha dos jazigos, levantando e reduzindo instantaneamente a fragmentos montanhas de pedra, hovessem cavado o valle e juncado os flancos de uma tal quantidade de detricitos; mais nos revelam estes

veria ter uma altura bem mais consideravel, avaliando pela immensidade de pedras que estão pejando a linha de corrego e os flancos do valle, a redução que os successivos desmoronamentos lhe teriam feito experimentar.

Amontoadas as pedras de encontro á parede granitica da cabeceira formam como que uma escada, difficilmente patricavel, a rua das Rozeiras, de um laboriosissimo e uni demorado percurso, a qual é todavia o unico caminho a seguir nas excursões por ali emprehendas.

Se a natureza, depois de ter empolado o dorso da serra, houvesse querido n'uma hora de vaidade deixar um padrao imperecível da sua obra gigantesca, seria digno d'ella o Cantaro Delgado a que encostou a rua das Rozeiras, arremessando a tão descampassada altura, que o contemplal-o produz vertigens, o descrevel-o será um desespero para o mais abalitado escriptor, faz-nos desaparecer do espirito a viva impressão que todos os outros despenhadeiros nos produziram, porque a todos apouca.

Immenso, erguido sobre o vasto estendal de ruinas de que o valle se acha juncado, parece uma estrophe, escripta em pedra, d'aquella asombrosa epopéa de destruição. Excede toda a espectativa, é completamente inexplicavel a impressão que nos faz sentir.

Volney, que no Egypto, juncado de destroços de opulentas cidades, no silencio e na solidão das ruinas sonhou com os populosos e tumultuosos emporios antigos sobre os quaes já passou o fluxo da historia; Humboldt e Maury, infatigaveis perscurtadores dos segredos da natureza, cujas bellezas nos descreveram em livros sempre da actualidade, é completamente inexplicavel a impressão que nos faz sentir.

Volney, que no Egypto, juncado de destroços de opulentas cidades, no silencio e na solidão das ruinas sonhou com os populosos e tumultuosos emporios antigos sobre os quaes já passou o fluxo da historia; Humboldt e Maury, infatigaveis perscurtadores dos segredos da natureza, cujas bellezas nos descreveram em livros sempre da actualidade, é completamente inexplicavel a impressão que nos faz sentir.

TAUROMACHIA

Praça do Campo de Sant'Anna

Em 1834, o regente do reino, D. Miguel de Bragança, desejou promover uma corrida de touros no circo da Calçada do Salitre, em benefício da Casa Pia de Lisboa, e mandando chamar o seu proprietário, um tal Cordeiro, escrivão do tribunal do crime, pediu-lhe que cedesse a praça gratuitamente.

Este homem respondeu que só a alugava, e mediante a paga de 50 moedas.

D. Miguel contestou que mais tarde resolveria o assumpto, e despedindo o voraz empregario ordenou a João José dos Santos Sedovem, que era um dos seus favoritos, que escolhesse em Lisboa, sitio proprio onde se construísse uma praça de touros.

Sedovem desempenhou-se do encargo ás mil maravilhas porque pouco depois comparecia perante S. M. indicando-lhe o Campo de Sant'Anna, como local vasto para a construcção do *redondel*.

D. Miguel, com a vontade de ferro que o caracterisava, mandou immediatamente que pelas obras publicas se fornecesse gente e materiaes, e ahí pelo meado do mesmo anno estava concluida a Praça do Campo de Sant'Anna.

Em seguida organisou o beneficio em favor da Casa Pia, com touros seus, (do Infantado), sendo pegadores 8 dos melhores creados da Casa Real, e no dia seguinte, dava a praça de presente á Casa Pia, ordenando por decreto, que, dentro dos muros de Lisboa não poderiam haver corridas de touros a não ser na Praça do Campo de Sant'Anna, estabelecendo assim um privilegio que ainda hoje existe.

O empregario Cordeiro viu-se depois obrigado a transformar a sua praça em circo equestre, alugando-a a D. José Serrate e outros que ali apresentaram as primeiras *Companhias de Cavallinhos*, que appareceram em Lisboa.

Tal é, em poucas linhas a historia da vetusta praça, ha poucos annos demolida, e que temos todos os motivos para crer como certo, por isso que nos foi contado pelo antigo cavalleiro Diamantino Pontes, hoje retirado do toureio.

E. d'A.

Tauromachia açoreana

No vapor «Açor», em 5 do corrente, seguiram para a Ilha Terceira, os seguintes matadores de novilhos: José Martinez Gardino, Sebastian Silvan (Chispa), Manoel Colino, (Nieto), Juan Pedro (Esteras), e Antonio Suarez, (Quarito).

Estes *diestros* propõem-se tourear, por sua conta, em 3 corridas na praça do Espirito Santo, em Angra do Heroismo.

ESGRIMA

A benemerita e patriótica *Sociedade de Geographia de Lisboa*, acaba de abrir a sua sala d'armas, de que damos o

Regulamento provisório

1.º — A sala do Museu denominada *Limpopo* é destinada a sala d'armas para exercicios de esgrima de espada, sabre e florete, nas condições do presente regulamento.

2.º — Sómente os socios honorarios e ordinarios e os filhos d'elles, menores de 18 annos, poderão inscrever-se para tomar parte nos exercicios de esgrima.

§ unico. — Os estrangeiros e os individuos de

passagem em Lisboa apresentados pelos socios inscriptos ou recommendados pela Direcção poderão fazer exercicios de esgrima na sala d'armas.

3.º — As espadas, sabres e floretes, bem como os indispensaveis accessorios usados nas lições e exercicios, serão privativos dos socios ou pertencentes á Sociedade.

§ unico. — Para occorrer ás despezas da manutenção da sala e deterioração do material, os socios que fizerem assalto ou simples exercicios d'esgrima, pagarão um minimo de 50 réis por cada hora e pessoa.

4.º — A deterioração das armas quando não seja por accidente do jogo durante os exercicios geraes, importa o pagamento do valor d'ellas ou da respectiva reparação.

5.º — As armas e mais utensilios de esgrima conservar-se-hão na sala d'armas e não poderão ser emprestados ou levados para fóra.

6.º — Durante os exercicios de esgrima sómente podem entrar na sala d'armas, os socios e mais pessoas inscriptas até quando não embacem os atiradores.

7.º — Durante os exercicios não poderá haver conversações em voz alta que perturbem ou distraiam os assaltantes.

8.º — São expressamente prohibidas todas as manifestações de critica sobre os assaltos no acto d'elles.

9.º — Na sala de esgrima haverá um quadro com os nomes dos socios inscriptos.

§ unico. — Os socios que queiram inscrever-se, assim o devem declarar por escripto á Direcção.

10.º — São permitidas as lições particulares aos socios inscriptos mediante auctorisacção da Direcção.

11.º — Haverá um conselho de esgrima composto de tres socios ordinarios: um official da Armada, um official do Exercito e um da classe civil.

12.º — O presidente do conselho de esgrima é o director da sala d'armas.

13.º — O conselho de esgrima, d'accordo com a Direcção e os atiradores da sala, poderá determinar que em certos dias hajam assaltos a que possam assistir os socios e suas familias.

14.º — O conselho de esgrima será o jury competente para apreciar o valor dos atiradores. Quando na sala estiver algum atirador de reconhecida competencia o conselho poderá convidar-o a tomar parte nas deliberações do jury.

15.º — Os assaltos durarão apenas 10 minutos, podendo sómente prolongar-se quando não prejudiquem os demais atiradores que pretendam fazer assalto.

16.º — As duvidas sobre a qualidade ou applicação de um golpe vibrado durante o assalto, serão resolvidas por algum professor presente e na ausencia d'este por atirador de reconhecida competencia. Quando estiver presente o conselho de esgrima ou algum dos seus membros, será este que resolverá a contenda. Os adversarios deverão acatar essa decisão sem protesto.

17.º — Os atiradores deverão fazer quanto possivel por manter a maior serenidade durante o assalto.

18.º — Os atiradores não deverão discutir os golpes e movimentos dos adversarios.

19.º — O conselho de esgrima faz annualmente a estatistica da sala d'armas, publicando em seguida o quadro dos melhores atiradores.

20.º — Sendo a sala d'armas simultaneamente sala de Museu, a sua ornamentação e disposição dos objectos n'ella expostos, bem como quanto importe ao serviço geral do Museu, continua a ser directamente subordinado a este.

21.º — Por ordens de serviço a Direcção, ouvindo o conselho de esgrima, proverá ás deficiencias d'este Regulamento e ás necessidades que se manifestem no serviço da sala d'armas.

E' permitido aos filhos dos socios, menores de 18 annos darem lições d'esgrima com o seu professor na sala d'armas, mediante accordo previo com a Direcção.

— Um empregado será especialmente encarregado do serviço da sala d'armas.

PHILATELIA

Falsificações

(Continuado do n.º 150)

A Liberia

De sellos da Liberia principalmente das primeiras emissões, ha numerosas falsificações, algumas das quaes de grande perfeição e que por isso convem saber conhecer.

Da primeira emissão (1860), ha apenas tres sellos como é sabido:— 6 c., vermelho, 12 c., azul, e 24 c., verde, de que ha as seguintes variedades: 1860.— (Impressão typographica). Papel branco, assás expostos: 1.º — Não picotados: 2.º — Pic. 12.

1864.— Os mesmos, com uma linha exterior ao *encadrement*, á distancia de 1.^{mm} 1.º — Não pic.; 2.º — pic. 12; 3.º — pic. 11.

1867.— (Lithographados). Papel branco, fino; linha exterior ao *encadrement* como os de 1867: 1.º — Não pic.; 2.º — Pic. 12.

1869.— Os mesmos sem linha exterior: 1.º — Não pic.; 2.º — Pic. 11 1/2.

Dito isto, descrevemos os caracteristicos dos sellos authenticos, e as d.s. mais feitas falsificações.

*

6 CENTS, *vermelho*:— O sello authenticico tem as dimensões de 23 + 27 1/2.^{mm} A deusa liberdade tem a cabeça voltada a tres quartos á esquerda. O pé direito é sombreado por 4 linhas horizontaes, a extremidade acha-se a 1/2.^{mm} do circulo. O pé esquerdo assenta no solo, é largo e veem-se os 5 dedos distinctamente. O ferro da lança não toca a linha circular, mas está muito perto d'ella; a fórma do ferro da lança é a de um losangulo cujos lados superiores são bastante maiores do que os inferiores. No escudo ha 9 linhas, que vão do centro ao cimo e que o sombreiam.

O gurupê do navio toca a linha circular. A pedra em que a deusa se acha sentada termina acima do T de CENTS e um pouco á direita da haste vertical da mesma letra. O segundo I de LIBERIA acha-se em tal posição que, se fosse prolongado, encontraria a perna esquerda do N de CENTS. O ceu, sombreado por ligeiras nuvens, é formado por traços horizontaes e descontinuos, traços que n'alguns sellos não se enxergam, deixando por isso o ceu completamente em branco. O cume do rochedo da esquerda acha-se no mesmo nivel que o ponto do hombro em que a deusa encosta a lança. O circulo toca, de cada lado, a linha interna do *encadrement*. A *bandeirola* superior acha-se sobre fundo cortado por linhas verticaes onduladas; termina de cada lado, em duplas pontas; as pontas superiores tocam justamente, á direita e á esquerda, a segunda linha ondulada do fundo.

Ha 16 linhas obliquas de cada lado de SIX. A *bandeirola* inferior assenta igualmente em fundo formado por linhas verticaes onduladas; a ponta inferior esquerda toca na 1.^a linha vertical e a ponta inferior direita termina entre a 3.^a e a 4.^a. Na palavra CENTS ha maior espaço entre o N e o T do que entre as outras letras; ha um pequeno traço obliquo que passa ao centro do C e um outro traço toca-o á esquerda, ao passo que o S é tambem cortado por um traço e tocado por outro á direita.

Carimbo:— Todos os sellos reconhecidamente authenticos são inutilizados a tinta azul, com um carimbo circular em que se lê— MONROVIA LIBERIA— o circulo tem 23.^{mm} de diametro e as letras 3.^{mm} de altura.

1.^a falsificação:— A cabeça da deusa está quasi de frente. O pé direito não é sombreado e a sua extremidade é muito perto do circulo, ao passo que o esquerdo não apresenta os 5 dedos distinctos. A ponta da lança é muito pequena e os lados d'ella são approximadamente iguaes. O escudo tem só 7 linhas verticaes, o gurupê do navio não chega a tocar no circulo. A aresta da pedra em que a deusa

está sentada coincide exactamente com a haste vertical do T de CENTS. O segundo I de LIBERIA, se fosse prolongado, viria dar ao meio do N de CENTS e o círculo não toca á direita na linha interna do *encadrement*. O ferro superior esquerdo da *bandeirola* superior toca na terceira linha vertical ondulada, em vez de tocar na na segunda, e á esquerda de SIX ha apenas 14 linhas obliquas na mesma *bandeirola*, sendo as letras S e X muito largas. A ponta inferior esquerda da *bandeirola* inferior toca na segunda linha e não na primeira. A palavra CENTS tem o traço dos caracteres muito grosso e é igual o espaço que media entre todas as letras, não sendo o C nem o S cortados ou tocados por qualquer traço.

Carimbo: — E' muito bem imitado, quer nas dimensões do círculo, quer no typo das letras; mas tem MONROWA em vez de MONROVIA.

2. falsificação: — O barrete da deusa é muito pequeno e o pé direito, que mui delgado, não tem os 4 traços que deviam sombrear-o sendo o esquerdo muito, informe, má copia do sello, de 12 cents. O ferro da lança é muito pequeno, muito afastado do círculo e com a forma de um losango equilateral. O sombreado do escudo é feito *esbatido* e em vez de formado por 9 linhas verticaes. O navio é muito pequeno e o grupês não toca o círculo. A pedra em que se senta a deusa termina por cima e á esquerda do T de CENTS. O prolongamento do segundo I de LIBERIA passaria á esquerda do N de CENTS. Sobre o navio ha uma grande nuvem que nos sellos authenticos nunca se vê. O rochedo da esquerda é muito mais baixo e copia do que se vê nos sellos de 12 cents. O círculo corta de cada lado, a linha interna do *encadrement* e toca na linha media. A *bandeirola* superior toca no quadro á direita e a inferior toca á esquerda, havendo na superior apenas 11 traços de cada lado de SIX. A palavra CENTS occupa um espaço de $9\frac{1}{2}^{\text{mm}}$ quando nos sellos authenticos esse espaço é apenas de $8\frac{3}{4}^{\text{mm}}$ tendo as letras igualmente espaçadas entre si e não havendo traços que toquem ou cortem o C e o N.

Carimbo. — E' mal imitada e a tinta preta.

12 cents, azul: — Nos sellos authenticos tem $21\frac{1}{2} \times 27\frac{1}{2}^{\text{mm}}$ de dimensão. A figura da deusa é mais bem desenhada do que no 6 c., vendo-se o nariz nitidamente accentuado por um traço. O pé direito não toca o círculo e é sombreado por tres traços obliquos. O esquerdo tem tres traços em cruz, veem-se-lhe apenas dois dedos e o esboço de um terceiro, distinguindo-se perfeitamente a unha do pollegar como no 6 c., o ferro da lança não toca no círculo e tem a mesma forma de losango cujos lados inferiores são menores do que os superiores. O escudo tem 9 traços que o sombreiam. O mastro do navio não toca o círculo, o segundo I de LIBERIA corresponde á perna esquerda do N de CENTS. O céu é sombreado por traços horizontaes ondulados, deixando ver nuvens brancas em volta do navio e sobre a cabeça da deusa. O rochedo da esquerda é mais baixo do que o do sello de 6 c., e o seu cume corresponde ao ponto em que apparecem as roupagens do hombro da deusa. O círculo toca á esquerda, na linha media do *encadrement* e á direita corta a mesma linha, sem comtudo attingir a exterior. Os angulos são preenchidos por

traços ondulados e finos convergindo para o centro do sello. A ponta direita da *bandeirola* superior toca na linha interna do *encadrement* e a esquerda acha-se afastada d'ella $\frac{1}{2}^{\text{mm}}$. A cabeça do T de TWELVE é tocada, no extremo esquerdo, por um pequeno traço, e outro traço semelhante faz o mesmo, á direita do E final. Ambos os pontos da *bandeirola* inferior tocam tambem cada um dos lados do *encadrement*. O C de CENTS é cortado por tres traços, dois á esquerda e o terceiro ao centro, e o S é tocado á direita por um traço obliquo.

Falsificação: — A que vamos descrever parece ser da mesma proveniencia da do 6 c., que mencionamos em segundo logar, O sello tem 23^{mm} de largura em vez de $22\frac{1}{2}$. A cabeça da deusa está mal desenhada. O pé esquerdo tem tres dedos completos, que não são sombreados e no pollegar não se vê a unha. O ferro da lança é quasi equilateral e acha-se muito afastado do círculo. No escudo só se veem 8 traços, pouco distinctos uns dos outros. Sobre o navio ha uma grande nuvem e o resto do céu é branco. O cume do rochedo da esquerda fica um pouco abaixo do ponto em que a roupagem desce do hombro da deusa e as linhas onduladas dos cantos do sello não convergem para o centro mas são verticaes, como as do 6 c. e 24 c. Nem o T e o E de TWELVE, nem o C e o S de CENTS são cortados ou tocados por qualquer traço.

Carimbo: — E' em preto e o mesmo que se vê na segunda falsificação do 6 c.

24 cents, verde: — Os authenticos medem $23\frac{1}{2} \times 27\frac{1}{2}^{\text{mm}}$. A cabeça da deusa está voltada a tres quartos á esquerda e o nariz nitidamente traçado. O pé direito, comprido e ponteagudo toca no círculo e do esquerdo só se veem 4 dedos. O ferro da lança toca tambem o círculo, justamente abaixo da oitava linha vertical ondulada e tem a fórma que se observa no 6 e no 12 c., authenticos. O escudo tem 7 traços e o grupês termina a 1^{mm} do círculo. A aresta da pedra termina acima e á direita da perna direita do N de CENTS e tem duas fendas das quaes a mais baixa quasi toca a base do A de LIBERIA e esse mesmo A acha-se mesmo por cima do espaço que media entre o E e o N de CENTS. O céu é como o do 12 c. A linha da margem mal se distingue. A linha externa do círculo corta á direita a linha interna do *encadrement* e confunde-se com ella, á esquerda, n'uma extensão de 5^{mm} . Os cantos são como os do 6 c., preenchidos por linhas verticaes onduladas. A *bandeirola* superior chega quasi ao *encadrement*, do lado direito e a inferior corta-lhe a linha media, abaixo de CENTS, chegando quasi a tocar na linha externa. O C de CENTS é cortado por um traço obliquo e, á esquerda, é quasi tocado por dois traços parallelos. O outro traço obliquo corta o S, á direita.

Falsificação: — A cabeça da deusa está quasi de frente e o nariz é apenas indicado por um ponto. O pé direito não toca no círculo e do esquerdo veem-se todos os dedos, em vez de 4 apenas. O ferro da lança é muito curto e triangular equilatera, ao passo que o grupês está mui proximo do círculo. A pedra termina muito á direita da haste vertical do T de CENTS e a fenda inferior da mesma pedra está muito mais abaixo do que no sello authentico. O A de LIBERIA está por cima da perna direita do N de CENTS. As nuvens são formadas por traços rectilineos em logar

de horizontaes onduladas. A linha marginal é muito accentuada. A linha externa do círculo não toca a linha interna do *encadrement*, á direita, e, á esquerda apenas se confunde com ella na extensão de 1^{mm} .

A extremidade direita da *bandeirola* superior dista $\frac{1}{2}^{\text{mm}}$ do círculo. O 2 de 24 é muito largo e o 4 muito estreito, sendo ambos os algarismos mais altos do que os do sello authentico. A *bandeirola* inferior toca a linha média do *encadrement* a baixo de CENTS, mas não a corta. O C é cortado por dois traços e o S não é tocado por nenhum.

Carimbo: — E' parecido com os que inutiliza os sellos da primeira falsificação do 6 c. e tem o mesmo erro orthographic.

França

10 CENTIMES (*Taxe*) preto, lithographados, 1859-63: —

Entre numerosas falsificações d'este selo que se encontram, quasi todas, nas lojas dos *marechands de tabac*, como dizem os francezes, ha duas que se não descobrem tão facilmente como as outras, devendo por isso merecer especial estudo os seus caracteristicos.

Em primeiro logar, convem saber distinguir o 10 c. (taxa) lithographia, do 10 c., typographia coisa que muitos colleccionadores não sabem.

A cor dos lithographados é sempre um tanto acinzentada e a estampagem muito nitida. O papel, posto que da mesma grossura que o dos 10 c. typographicos, não apresenta relevo algum do lado das costas do sello, o que succede nos typographicos.

Continua. J. FRAGA PERY DE LINDE.

DIVERSAS

Eduardo Antonio da Costa

DESTE NOSSO presado amigo e assignante, proprietario da fabrica de bolaxas, á Pampulha, recebemos um esplendido calendario para o corrente anno, que é realmente um primor de execução.

A Roque Gameiro, o grande artista, é devida a parte principal *Recepção a Vasco da Gama por El-Rei D. Manuel, em 1499*, uma primorosa aguarella.

Os nossos agradecimentos ao nosso amigo, o intelligente e activo industrial.

Sousa Martins e a Serra da Estrella

POR

Mendes dos Remedios

RECEBEMOS e agradecemos, um folheto de 50 paginas, com o titulo que encima esta noticia.

Com o sub titulo *Cartas a Fernandes Costa*, incere oito artigos sobre a serra da Estrella, que foram publicados pela nosso distincto collega *A Folha*, de Vizeu, N'esses artigos é posta em relevo as belezas da Serra, e a urgente e inadivél necessidade de ser aproveitada para tratamento da terrivel doenca *a tuberculose* que no nosso paiz faz 20.000 victimas por anno!

Almanach illustrado

O nosso amigo e distincto gravador, o sr. F. Pastor, offereceu-nos o seu magnifico almanach para 1899, que muito agradecemos; é um interessante livrinho de 100 paginas, com muitas illustrações e bastantes retratos dos homens mais em evidencia: na guerra, artes, politica, etc.

O nosso amigo é um dos editores que em a nossa capital mais se tem distinguido com as suas publicações.

Club Sport Micaelense

Nos fins do mez de dezembro ultimo fundou-se com este titulo, em Ponta Delgada, S. Mignel, um club que já tem feito algumas partidas de *foot-ball*, devendo em breve haver uma sessão, para distribuição de medalhas aos vencedores.

A formação d'este club, o primeiro que alli existe, é devida á honrosa iniciativa dos srs. Jame Dalrimple, subdito inglez, empregado na estação do Cabo Submarino, e conde Jacome Corrêa.

São dignos de todo o elogio estes dois cavalheiros, assim como todos quantos os tem quadruvado em tão bello e sympathico empreendimento.

Com muito prazer, damos tambem a

noticia, que o sr. Henrique Pereira da Costa, fica sendo o nosso correspondente n'aquella localidade, honra que d'aqui muito lhe agradecemos.

Exposição photographica

Na Avenida da Liberdade, n.º 53, nas lojas do predio onde estava estabelecido o hotel Matta, exhibiram-se em todos os dias, das 5 horas da tarde ás 11 da noite, preciosas photographias. Constituiam todas uma collecção das diferentes phasas da lide á hespanhola, n'uma das ultimas corridas realisadas em Salamanca, admirando-se na nitidez dos quadros o arrojio dos toureiros do visinho reino.

No passeio das quadrilhas differenciam-se perfeitamente, além dos chefes Reverte e Guerrita, alguns dos bandarilheiros que temos visto no Campo Pequeno, taes como *Blanquito*, *Barquero*, Antonio Guerra, *Currinche*, etc. etc.

As photographias das sortes de vara, que eram tres, estão perfeitissimas pelo bem apanhado dos grupos; ha uma em que o espectador, quando ella se lhe depara repentinamente, retrae-se assim como que assustado por ver um bello touro negro, que dá quasi a illusão de se destacar do fundo luminoso, para arremeter com o observador.

As quedas dos *picadores* e os quites dos espadas, pela oportunidade com que foram apanhados, demonstram no photographo um *afficionado* de bom cunho.

O mesmo succede na sorte de bandarilhas, em que o bandarilheiro foi photographado ao deixar nas *agujas* da rez um soberbo par a *cuarteo*.

Não menos bonitas e artisticas eram as vistas restantes, onde se apreciava passes de moleta, *naturales* e com a *direita*, dados por Guerrita e Reverte, dois *volapies* executado por estes mesmos matadores, um *descabello* a pulso por Rafael Guerra, o *puntillero* aleanos dando o *cachete*, e por ultimo os *arrastres* dos touros abatidos e dos *penzós* mortos, com as tripas pendentes.

ARMAZEM DE VIVERES
ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em cafe, lote 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

Peitoral de Cambará

Remedio garantido para todas as affecções pulmonares, bronchites, asthma, coqueluche, rouquidão e qualquer tosse.

Vende-se por 900 réis cada frasco no deposito, drogaria Ribeiro da Costa & C.ª, 150, rua do Arsenal, 152, e em todas as pharmacias.



Casa SANTOS DINIZ

Os pianos-orchestra que esta casa agora apresenta, são uns instrumentos pelos quaes a musica é reproduzida com maravilhosa exactidão, para o que muito concorreu a applicação de recentes modificações.

O engenhoso mechanismo dos pianos-orchestra é verdadeiramente interessante, constituindo só por si um objecto de curiosidade.

A casa Santos Diniz é a unica depositaria para Portugal e Colonias.

50 a 52, Praça dos Restauradores, 50 a 52
Avenida da Liberdade
LISBOA

CASA COLUMBIA
25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.º, New York, America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 12000 réis semanacs.

Ensino, aluguer e reparações em todos os systemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas coronetas **Espanita cães**.

25, Rua Garrett (Chiado), 27
CASA COLUMBIA



CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a iguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se quorem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 805000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



CYCLEDOR

JOSÉ D'OREY & C.ª

Unicos agentes em Portugal das celebres bicycletas Peugeot, bicycletas que maior numero de primeiros premios tem ganho em Portugal

DEPOSITO DE VELOCIPEDES E SEUS ACCESSORIOS
Artigos de Sport
LAWN TENNIS E MAIS JOGOS ATHLETICOS

Avenida Palace: - Rua do Principe
Endereço telegraphico — CYCLEDOR

AOS CAÇADORES
E
EXCURSIONISTAS

CONSERVAS ALIMENTICIAS
DA
FABRICA M. A. BRITO

POTTED BEEF
PARA SANDWICHS

Almoços
lunchs, caçadas, passeios, etc.

Pedir em todas as mercearias
e confeitarias

LIVRARIA FERREIRA

FUNDA EM 1869 POR MANUEL JOSÉ FERREIRA
ACTUAES PROPRIETARIOS
Manuel José Ferreira, successores

132, 134, Rua Aurea, 136, 138
LISBOA

Grande sortimento em livros de missa e semana santa. Livros para os cursos superiores e primarios. Livros juridicos e de sciencias, nacionaes e estrangeiros.
Correspondencia directa com os principaes centros litterarios do mundo.
Assignatura para todos os jornaes estrangeiros, de sport, modas, scientificos, litterarios, theatro, etc.
Satisfazem-se todas as encomendas com a maxima brevidade.

AGENCIA HAVAS Recebe anuncios para esta revista. Rua do Ouro, 30.

ALBUNS PARA SELLOS

A 200, 240, 300, 350, 600 e 1\$000 réis e grandes, completos a 3\$000 r2is.

SELLOS PARA COLLECÇÕES

Ha o maior sortimento a preços convidativos, e pacotes a 20, 30, 50, 100, 150, 250, 300, 400, 500, 1\$000 réis e mais preços.

F. A. MARTINS

Praça Luiz de Camões, 35 — LISBOA

VINHO ROCHEIRA

Velho (1896) especial para doentes, series de 12 garrafas.....1\$200
 Novo (1898) series de 12 garrafas.....1\$080
 Vinagre natural de vinho branco..... 70
 Azeite especial superior de C. Branco, e do Escural litro..... 320
 Dito velho finissimo de Santarem, litro..... 340
 Vinhos superiores do Porto e Madeira.
 Aguardente velha de vinho. Emprestam-se todas as vasilhas. — Porte «gratis». — Requisições por bilhete postal, a

A. Andrade & C.^a

Rua Serpa Pinto, 30 — LISBOA

CASA DA MOEDA

e Papel Sellado

A Casa da Moeda e Papel Sellado faz publico que até ao dia 25 do corrente, pelas 2 horas da tarde, recebe propostas em cartas fechadas, acompanhadas das respectivas amostras, para o fornecimento de 400 resmas de cartão, para bilhetes postaes, conforme as condições que já se acham patentes na contadoria da mesma casa.

Casa da Moeda e Papel Sellado em 9 de janeiro de 1899. O chefe da contabilidade Antonio M. de Lima Carvalho.

AGOSTINHO Barbearia, perfumarias nacionaes e estrangeiras, objectos de tocador para homem e senhora, gravatas e luvas inglezas.

16, Praça Duque da Terceira, 17

CASA DA MOEDA

e Papel Sellado

A Casa da Moeda pretende comprar, a prompto pagamento, 100 toneladas de carvão de pedra New-Castle de 1.^a qualidade, para o que recebe propostas até á 1 hora da tarde do dia 26 do corrente.

Abertas as propostas no referido dia e hora, e examinadas as amostras, será adjudicado o fornecimento ao proponente que por menor preço offereça carvão nas condições de ser aceite.

Casa da Moeda e Papel Sellado em 11 de janeiro de 1899. O chefe da contabilidade Antonio M. de Lima Carvalho.

Caçadas Portuguezas

POR
ZACHARIAS D'AÇA

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias



JOÃO VAZ DA COSTA
CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfornoso, 148 LISBOA

Agua de la Margarita

EM LOECHES
(MARCA REGISTRADA)
50 Anos de exito

Anti-biliosa, anti-eserofulosa, anti-herpetica, anti-syphilitica, anti-parasitaria e muito reconstituinte. Premiada com as mais altas recompensas em todas as exposições. O melhor purgante conhecido. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias e no deposito unico — Rua do Alacrim, 12. Sub agencia no Porto, Rua de D. Pedro, 32, 1.^o

OS VOMITOS, ASIAS, ARPORES, máis digestões, fastio, flatulencias, agua da bocca, bills, peso e dores de estomago, de cintura, costas e intestinos, desapparecem logo com

ESTOMAGO ARTIFICIAL

o uso dos **PÓS DO DR. KUNTZ.**

CURANDO EM POUCOS DIAS as dispesias, catarrhos e embaraços gastricos, como diariamente o certificam bastantes agradecidos.

Caixa 1\$500 réis, correio 1\$600, nas principaes pharmacias e nos DEPOSITOS: Deposito geral, pharmacia Continental; na pharmacia e drogaria Peninsular; pharmacia Azevedo, Rocio. No Porto, pharmacia Roca e Moreno; Caminha, drogaria Villaça; Elvas, pharmacia Central; Figueira, pharmacia Sotero; Portalegre, pharmacia Carrapato; Covilhã, A. Franco; Lagos, pharmacia Associação Maritima. Envia-se franco de porte, folhetos descriptivos.

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES



POR 500 RÉIS SEMANAES

105, PRAÇA DO LORETO, 107 LISBOA

ROS CAÇADORES!

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela boca e de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaza d'Armaç de St. Etienne — França.

Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura
T. DE S. DOMINGOS, 50 a 56 LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



Para Madeira
Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas), Caes do Pico e Fayal

Sae o vapor **Funchal**, commandante Antonio X. d'Andrade, no dia 20 de janeiro ás 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, 84, 2.^o

Germano Serrão Arnaud.